

QUEM
É A
REDE ?



**ESCOLA NACIONAL DE
FORMAÇÃO DA CONTAG**
Lugar de transformação política



Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares

DIRETORIA EXECUTIVA DA CONTAG (GESTÃO 2013-2017)

PRESIDENTE: **Alberto Ercílio Broch**

VICE-PRESIDENTE/SECRETARIO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS: **Willian Clementino da Silva Matias**

SECRETÁRIA-GERAL: **Dorenice Flor da Cruz**

SECRETÁRIO DE FINANÇAS E ADMINISTRAÇÃO: **Aristides Veras dos Santos**

SECRETÁRIO DE POLÍTICA AGRÁRIA: **Zenildo Pereira Xavier**

SECRETÁRIO DE POLÍTICA AGRÍCOLA: **David Wylkerson Rodrigues de Souza**

SECRETÁRIO DE ASSALARIADOS E ASSALARIADAS RURAIS: **Elias D'Ângelo Borges**

SECRETÁRIO DE MEIO AMBIENTE: **Antoninho Rovaris**

SECRETÁRIO DE POLÍTICAS SOCIAIS: **José Wilson de Souza Gonçalves**

SECRETÁRIO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SINDICAL: **Juraci Moreira Souto**

SECRETÁRIA DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS: **Alessandra da Costa Luna**

SECRETÁRIA DE JOVENS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS: **Maria José Morais da Costa**

SECRETÁRIA DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DA TERCEIRA IDADE: **Maria Lúcia Santos de Moura**

REPRESENTANTES DA DIREÇÃO EXECUTIVA NO CONSELHO POLITICO GESTOR DA ENFOC

PRESIDENTE: **Alberto Ercílio Broch**

SECRETÁRIA-GERAL: **Dorenice Flor da Cruz**

SECRETÁRIO DE FINANÇAS E ADMINISTRAÇÃO: **Aristides Veras dos Santos**

SECRETÁRIO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SINDICAL: **Juraci Moreira Souto**

SECRETÁRIA DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS: **Alessandra da Costa Luna**

SECRETÁRIA DE JOVENS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS: **Maria José Morais da Costa**

SECRETÁRIA DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DA TERCEIRA IDADE: **Maria Lúcia Santos de Moura**

REPRESENTANTES DAS REGIÕES NO CONSELHO POLÍTICO GESTOR DA ENFOC

CENTRO-OESTE: **Eleandro Borges da Silva – FETAG/GO**

NORDESTE: **Lucilene Batista de Lima – FETAG/CE**

NORTE: **Izete Rodrigues Rabelo – FETAG/AM**

SUDESTE: **Maria Augusto Buffolo – FETAG/ES**

SUL: **Cláudio Aparecido Rodrigues – FETAG/PR**

EQUIPE PEDAGÓGICA

Assessor da Sec. Geral: **Alonso Batista dos Santos**

Assessor de Org. e Formação: **Amarildo Carvalho de Souza**

Assessor de Org. e Formação: **Raimunda de Oliveira Silva**

Assessor de Org. e Formação: **Antenor Martins de Lima Filho**

Assessor Regional Centro-Oeste: **Antônio Gilberto Viegas da Silva**

Assessor de Org. e Formação: **Antônio Ricardo Farani C. Matos**

Assessora da Secretaria de Jovens Trabalhadores/as Rurais: **Eryka Danyelle Silva Galindo**

Assessora de Políticas Agrária: **Cléia Anice de M. Porto**

Assessor de Meio Ambiente: **Eliziário Noé Boeira Toledo**

Assessora da Secretaria de Terceira Idade: **Engrácia Viviane Rodrigues da Silva**

Assessor Regional Norte: **Elielson Pereira da Silva**

Assessor Regional Nordeste: **Givanilson Porfírio da Silva**

Assessor de Política Agrícola: **José Arnaldo de Brito**

Assessor Regional Sul: **José Lourenço Cadoná**

Assessora de Políticas Sociais: **Juliana Acosta Santorum**

Sub-Seção Dieese: **Júnior César Dias**

Assessora de Fin. e Administração: **Marleide Barbosa de Sousa**

Assessora de Mulheres Trabalhadoras Rurais: **Sarah Luíza de Souza Moreira**

Assessora de Mulheres Trabalhadoras Rurais: **Sonilda Florinália da Silva Pereira**

Assessora Regional Sudeste: **Sílvia Helena De-Zan**

Assessora da Vice-Presidência e Relações Internacionais: **Valdisléia de Oliveira Ribeiro**

EQUIPE OPERATIVA

Secretário de Formação e Organização Sindical: **Juraci Moreira Souto**

Coordenação Pedagógica: **Raimunda Oliveira Silva**

Assessores/assessoras: **Amarildo Carvalho de Souza, Antenor Martins de Lima Filho e Antônio Ricardo Farani C. Matos**

Assistente Administrativo de Assessoria: **Claudinéia dos S. Souza**

Analista da Secretaria de Formação: **Larissa Aparecida Delfante**

Secretária da ENFOC: **Gisele Nunes de Sousa Lima**

Auxiliar Administrativo: **Alessandro Assunção de Souza**

FICHA TÉCNICA

TEXTOS

Ana Cristina de Lima e Silva Accioly
Ana Maria Menezes
Elza Maria Fonseca Falkembach
Engrácia Viviane Rodrigues da Silva
Helena Ferreira Cruz
Iara Duarte Lins
José Lourenço Cadoná
Leomar Fernando Mattia
Maria Darione David Lima
Maria do Socorro Silva
Maria Mirian Ferreira Gomes
Maria Rosa de Sousa Rodrigues Martiniano
Monica Katarina Tavares Benevides
Raimunda de Oliveira Silva
Sirley Ferreira dos Santos
Vania Marques Pinto

COLABORAÇÃO

Alexandre Ribeiro Botelho
Amarildo Carvalho de Souza
Antenor Martins de Lima Filho
Celia Hissae Watanabe
Joyce Samara de Holanda Maia
Ruth Caetano Cardoso
Cláudia Rejane Maciel de Souza

ORGANIZADORES

Juraci Moreira Souto
Raimunda de Oliveira Silva
Elza Maria Fonseca Falkembach

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Cleto Campos (cleto.campos@gmail.com)

ILUSTRAÇÕES

Cleto Campos e construção coletiva educandos e educadores Enfoc

FOTOS

Cleto Campos, César Ramos e Banco de Imagens Contag

REVISÃO

Iolita Domingos Barbosa Campos

FICHA CATALOGRÁFICA

R314 Rede de educadores e educadoras populares da Enfoc/Contag /
Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores
e Agricultoras Familiares – Contag / Escola Nacional de
Formação Político Sindical da Contag – ENFOC. – Brasília: 2016. -
76 p. : il.
ISBN 978-85- 63462-16- 9

1. Educação. 2. Educadores. 3. Formação político-sindical. 4. Prática política
sindical. 5. Práticas pedagógicas. I. Confederação Nacional dos Trabalhado-
res na Agricultura – Contag. II. ENFOC – Escola Nacional de Formação Políti-
co Sindical da Contag. III. Título.

CDU : 37.01
37.013

Ficha elaborada pela Bibliotecária Tania Maria Kalaitzis Lima CRB 10 / 1561

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
1. DE ONDE VIEMOS?	27
A multiplicação como estratégia formativa	30
A opção política da Rede	31
O balanço da Rede	32
2. COMO A REDE ATUA?	35
Formação continuada na Rede	44
Movimento circular que se amplia e se diversifica	45
Caminhos que seguem...	48
3. QUE REDE É ESSA?	51
O que nos move e nos alimenta a participar da Rede?	54
O que sustenta a Rede?	58
Sintetizando	59
4. QUE REPERCUSSÕES A REDE PROVOCA?	61
Repercussões para a própria Rede	63
Repercussões no MSTTR	64
Repercussões fora do MSTTR	67
CONCLUSÕES: O QUE NOS DESAFIA E PARA ONDE QUEREMOS IR?	69
REFERÊNCIAS	75





REDE É ...

PRÁTICA E ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA, EXPERIÊNCIA NUM PRESENTE QUE TRAÇA FUTURO, VONTADE MATERIALIZADA EM AÇÃO, VALORIZAÇÃO DO SER HUMANO E AFIRMAÇÃO DE PRINCÍPIOS DE RECIPROCIDADE, COMPLEMENTARIDADE, INCLUSIVIDADE E SOLIDARIEDADE.





ATUAR EM REDE REQUER ESTAR ABERTO À CONVIVÊNCIA COM O DIFERENTE, POIS CADA EDUCADOR/A É ÚNICO E TORNA O ESPAÇO REDE MAIS COMPLETO. SUA SABEDORIA, SONHOS, A CORAGEM SE JUNTAM A TANTOS OUTROS, AFINAL, SOMOS DIVERSOS NOS JEITOS, CORES, EXPRESSÕES E O QUE NOS CONECTA À REDE É A BUSCA...





... A INQUIETUDE E O COMPROMISSO COM A CONSTRUÇÃO DE NOVAS SOCIABILIDADES BASEADAS NO RESPEITO, NA AMIZADE, NA SOLIDARIEDADE, NA SUPERAÇÃO DOS MEDOS. É NOS NUTRIR COM AS DESCOBERTAS NAS QUAIS O SENTIR-SE CAPAZ VAI SE MANIFESTANDO A CADA PASSO DADO, A CADA COMPROMISSO REALIZADO. VIVENCIAR TUDO ISSO É PODER TORNAR VISÍVEL NOSSAS RAÍZES, CONSTRUIR VÍNCULOS IDENTITÁRIOS COM O QUE FAZEMOS E DESEJAMOS VER MUDADO NO MUNDO.



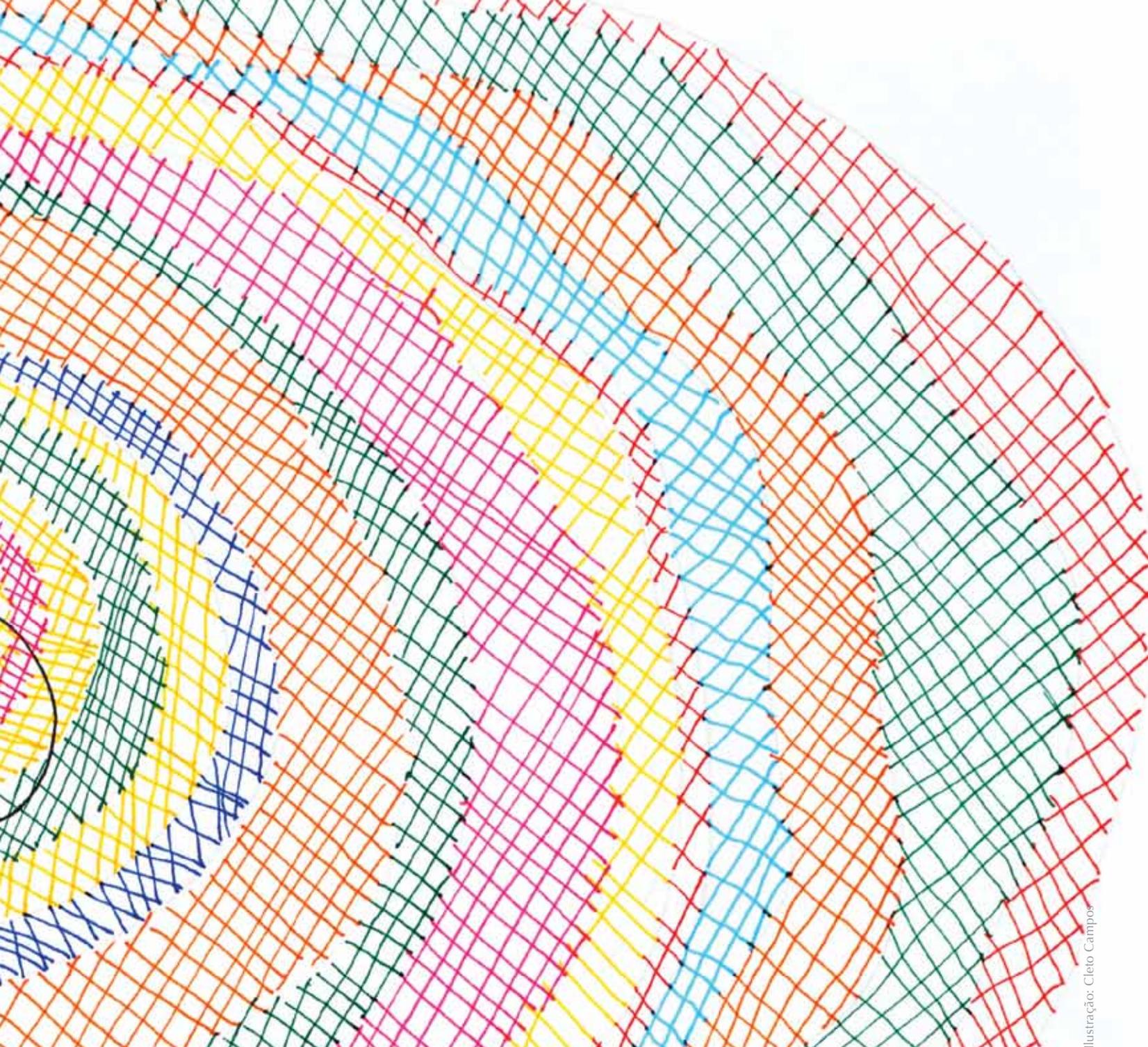
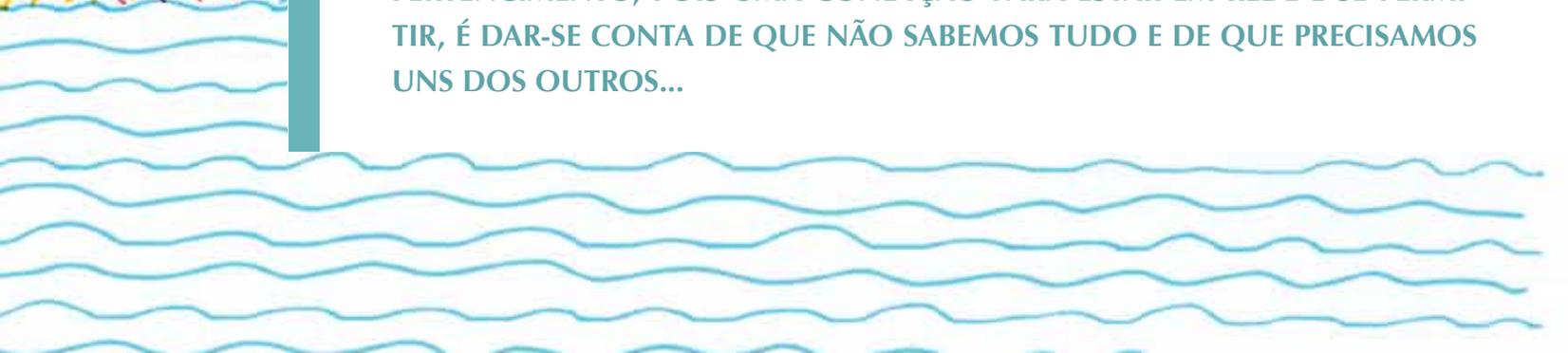


Ilustração: Cleto Campos

REDE SOU EU, É VOCÊ, SOMOS NÓS!!!!

ELA CULTIVA RECIPROCIDADE, COMPLEMENTARIDADE, AMOR, ESPERANÇA, AMIZADE E RENOVA UTOPIAS. ACOLHE OS DIFERENTES SABERES, AS DIFERENTES CULTURAS E CRENÇAS, EMBALA OS SONHOS E CORAÇÕES E CONSTRÓI PERTENCIMENTO, POIS UMA CONDIÇÃO PARA ESTAR EM REDE É SE PERMITIR, É DAR-SE CONTA DE QUE NÃO SABEMOS TUDO E DE QUE PRECISAMOS UNS DOS OUTROS...

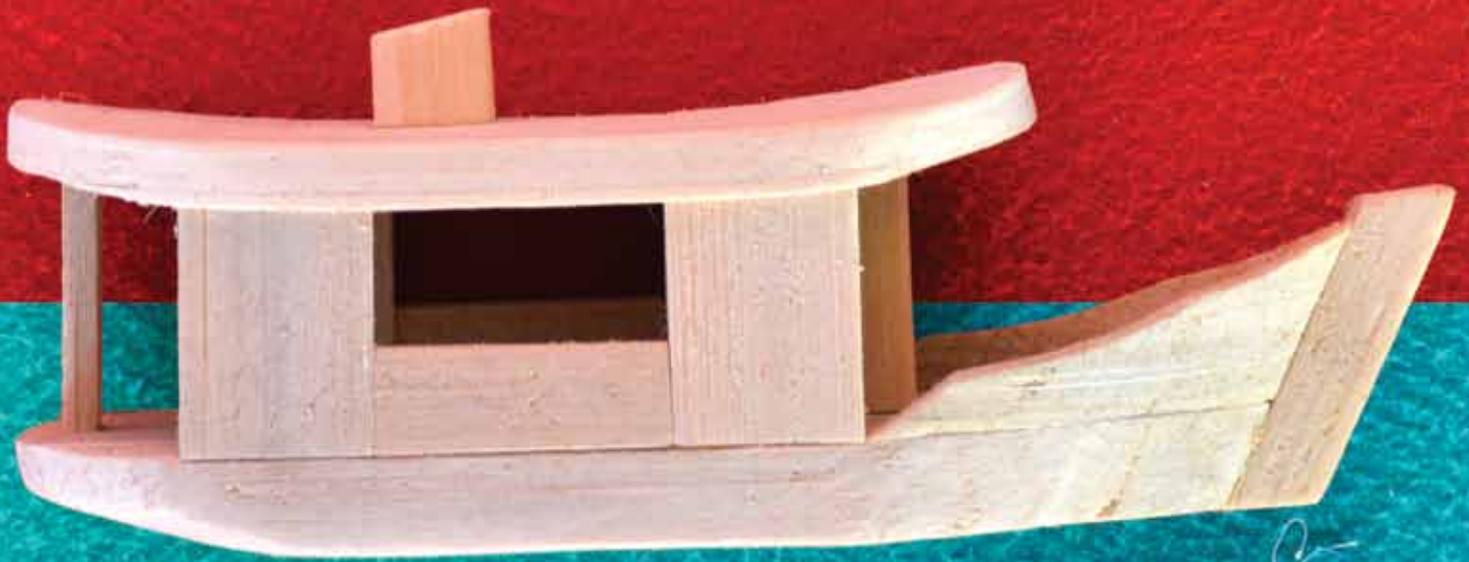


A Rede é como rio....

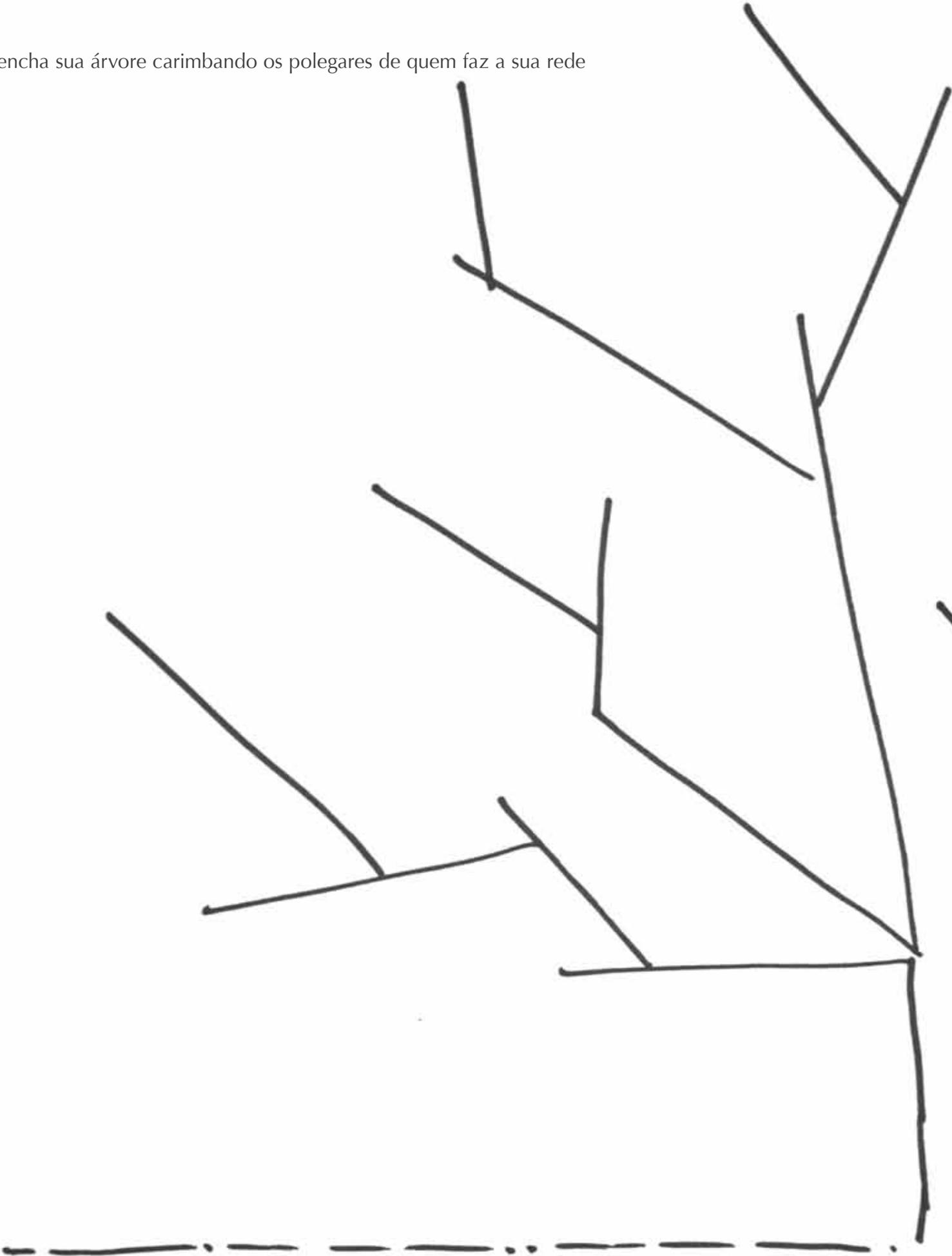


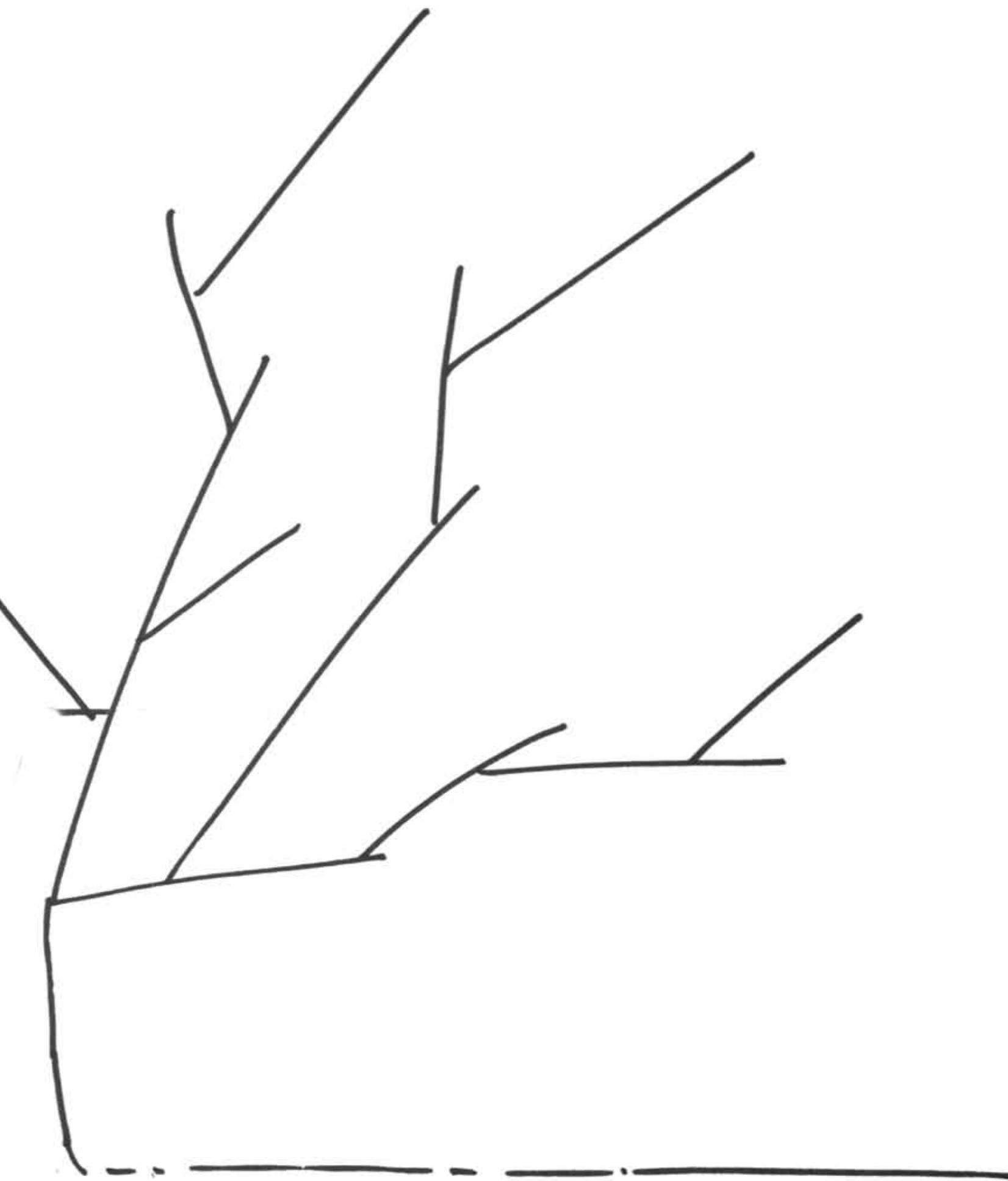


...que corre para o mar



Preencha sua árvore carimbando os polegares de quem faz a sua rede





Utilize esta página para criar seu conceito de rede com imagens, textos, perguntas, colagens, pinturas, carimbos, ou qualquer coisa que sua imaginação mandar. Exercite sua liberdade e expressão.



APRESENTAÇÃO

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc/Contag é uma unidade espacial sem rigidez de fronteiras, ou seja, mantém-se em movimento – expansão e retração espacial. Sua dinâmica educativa está aberta ao acolhimento e integração permanente de pessoas e instituições que se disponham a aderir à sua prática, bem como está sujeita a perdas. Constitui-se como unidade do diverso, o que é dado pelas relações celebradas nas vivências concretas; algo que se quer visível por ser bom e belo! Pode ser também “recriável” em cada momento e espaço de relações. Encarna uma concepção de devir, que nada mais é do que a expansão das novas sociabilidades que a Escola incita desde que foi criada; os outros mundos possíveis de se viver que os lutadores sociais do continente latino-americano vêm construindo historicamente, ao enfrentarem as relações de exploração/opressão/dominação mantidas pelo desenvolvimento capitalista.

A forma de vida proposta pelo capitalismo e a visão social de mundo que propaga, neste tempo de globalização e domínio de uma economia de mercado, tem na velocidade da produtividade um dispositivo de alta potência para manipulação de corpos/mentes, rompimento de vínculos e enfraquecimento de identidades sociais e coletivas. E manipula, de fato. Por vezes, somos levados a querer agarrar o tempo, pois tudo se apressa, acelera, adquire maior velocidade e nos deixa sem poder de decisão e sem pertencimento. Nosso passado fica logo, logo distante, difícil de ser reconhecido e de tornar-se referência para este devir.

Quando o campo popular começa a falar em Rede, a construir Rede e a integrar Rede, está criando espaços e dispondo de recursos para a circulação consciente, neste novo contexto do mundo globalizado e veloz, sem abrir mão de suas conquistas, de suas capacidades de decisão, de suas formas de praticar a resistência às relações de poder fundadas na referida exploração, opressão e dominação. Está encontrando formas de tomar as rédeas do tempo/espaço, promovendo um movimento que integra pessoas, lugares e propósitos. Está se opondo também ao individualismo a que hoje as pessoas são induzidas.

Rede, nesse contexto é, portanto, relação dirigida à constituição e manutenção de vínculos entre pessoas e instituições; à comunicação e interação de saberes; à intervenção sobre processos sociais. Nessa relação, há a afirmação de princípios e valores que não dão lugar a formas autoritárias de conduta. Com isso, esta Rede passa a ter poder para administrar as distâncias e tempos que a desafiam, para levar a termo os objetivos a que se propõe. No caso desta Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, estes objetivos estão associados à transformação política e à afirmação de novas sociabilidades, como referido anteriormente.

A colonialização, em nosso Brasil e em nossa América, não conseguiu apagar de nossas culturas princípios como a ciclicidade, a relacionalidade, a correspondência, a complementaridade e a reciprocidade, presentes nas formas de viver de nossos ancestrais; princípios que pautaram a relação do ser humano com o material e o espiritual, com a natureza e com a organização social, nos tempos em que as culturas nativas podiam se expressar sem amarras. A vida em Rede, como os movimentos sociais populares a constroem, está hoje criando vivências orientadas por estes princípios.



Ciclicidade – é o princípio que aponta que o presente se recria sempre, num encontro entre passado e futuro, que o fertilizam, recriando e renovando, a cada tempo. Não há uma linearidade, mas um ir e retornar, que se fundem num presente, apresentando o novo.

Relacionalidade – considera a interdependência entre tudo o que configura a realidade natural e a realidade social, o que remete a uma atitude de cuidado com a vida, cuidado que integra ser, pensar, sentir e agir.

Correspondência – implica reconhecer os aspectos que estão associados aos elementos em coexistência no universo e na vida humana – o que corresponde à vida, o que corresponde à morte; o que corresponde ao bem, o que corresponde ao mal, e assim por diante.

Complementaridade – trata da coexistência do diverso; da inclusão dos opostos – homem-mulher, sol e lua, etc – nas relações, sem a preocupação de um destruir o outro, mas mediante o reconhecimento dos benefícios que a diversidade promove.

Reciprocidade – implica uma ética de respeito e reconhecimento dos seres como eles são e de tratá-los como “iguais”. Quando este respeito não ocorre, os danos aparecem em decorrência da desarmonia então estabelecida.

A experiência da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, aqui apresentada, mostra como os espaços do MSTTR têm sido propícios para esta criação. Mostra também como a Rede foi se constituindo e vem atuando no sentido de potencializar a formação sindical no âmbito do MSTTR. Indica ainda sua consolidação como “um lugar de sementeira e de colheita dos sonhos, da alegria, da expressão do sentimento de pertença, das relações horizontais entre diferentes sujeitos e da manifestação e reafirmação dos processos formativos em andamento que fortalecem as lutas do MSTTR”, como afirma a Agenda de Compromissos do 4º. Enafor (SOUTO, LINS e FALKEMBACH, 2015, p. 103).

Os textos, aqui apresentados, atestam como a Rede Enfoc assume a formação de base, se faz como prática de resistência, e como atua no sentido de dar força ao campo, hoje, e à gente que nele se constrói, ao assumir-se como trabalhadora e trabalhador rural.

A publicação está organizada em quatro capítulos.

No primeiro capítulo – *De onde viemos?*
– é evocada a memória de processos vividos pela Contag para descrever sucintamente o processo de construção da Escola Nacional de Formação da Contag (Enfoc), e o surgimento da ideia de construção de uma Rede, que pudesse manter fortes os vínculos entre os educadores e as educadoras populares que integraram o Itinerário Formativo da Escola em algum momento e em algum lugar de objetivação de sua práxis pedagógica: cursos nacionais, regionais, estaduais e grupos de estudos sindicais.

No segundo capítulo – *Que Rede é esta?*
– há o relato e caracterização da prática da Rede

enfatizando os espaços onde os seus nós já se tornaram fortes, consistentes e dinâmicos, propiciando, portanto, o que contar, problematizar e aprender com as experiências já vividas.

O terceiro capítulo – *O que é esta Rede?*

– mostra como essas práticas se entrelaçam, dão visibilidade a características pedagógicas que provocam identificações entre uma e outra e acabam por dar identidade a algo inédito e grandioso que se tornou fermento da formação político-sindical na Enfoc e nas práticas do MSTTR. Neste mesmo capítulo, há depoimentos que ajudam a visibilizar a identidade dessa aventura que se chama Rede e a compreender esse emaranhado de fios em movimento que perpassa o Brasil e é reconhecido pela forma como acolhe as pessoas e saberes, promove aprendizagens e forma sujeitos responsáveis com a prática sindical.

O capítulo quatro – *Que repercussões a Rede provoca?*

– mostra exatamente quais os impactos que a Rede gera no MSTTR e externamente, procura analisar como se dá a valorização das pessoas, como cresce o compromisso das educadoras e educadores populares da Enfoc entre si, com o Movimento e com a Escola mediante essa dinâmica de (co)responsabilização pelos processos formativos da Escola e por outras práticas no Movimento. Como esta dinâmica de Rede, centrada no espírito militante, se associa à construção de um sindicalismo forte e de processos formativos com propostas emancipatórias.

Tanto a prática da Rede quanto sua identidade e repercussões apontam, nas considerações finais, ***Como a Rede nos desafia?*** Os desafios e as potencialidades que os acompanham, como veremos, estão associados ao conceito e papel da Rede; ao compromisso firmado pelos educadores e educadoras, ao se decidirem por atuar em Rede, e

à sustentabilidade financeira para garantir as ações da Rede.

Cabe, finalmente, atenção à forma como os textos são produzidos. Produtos de uma sistematização, eles correspondem a uma produção coletiva, em que a memória se faz presente ajudando a perceber que as verdades são históricas e se excedem, na medida em que vão sendo problematizadas; a relacionalidade traz os sentimentos para se juntarem à racionalidade no ato de produção de conhecimentos; a complementaridade diversifica e amplia o olhar sobre o objeto de produção de conhecimentos e a reciprocidade faz do processo de construção dos escritos, aqui apresentados, lugar de acolhimento, aconchego, mesmo ao tratar de temas complexos e sofridos para quem precisa superar formas materiais e simbólicas de opressão. Até porque tratam de uma Rede que agrega e, ao fazê-lo, dá mostras da humanidade que *somos ao sermos com os outros!* (expressão dos/as companheiros/as africanos/as).

Os organizadores/as







1. DE ONDE VIEMOS?

A multiplicação, estratégia formativa

A opção da Rede

O balanço da Rede

1. DE ONDE VIEMOS?



Imagem produzida coletivamente no Enafor/2015.

A Contag vem, ao longo da sua caminhada de lutas, buscando acertar passos que possibilitam e oportunizam aos sujeitos do campo espaços de diálogo, reflexão e construção coletiva. Ao abrir o baú da memória que guarda esses momentos, encontramos a Plenária Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, realizada em 2004. Esse lugar de caloroso debate trouxe, como elemento a ser dialogado, a formação política para as mulheres. Foi nesse lugar de diversidade e, ao mesmo tempo, de especificidade, que surgiu a ideia que mais à frente se consolidaria como uma das maiores estratégias formativas do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR).

Assim, o 9º Congresso da Contag aprova a proposta concebida e encaminhada pelas mulheres sobre a formação política. No entanto, amplia essa formação para homens também, o que resultou na criação de um espaço que pudesse promover a formação político-sindical, a Escola Nacional de Formação da Contag (Enfoc), alicerçada no Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS).

PADRSS

Este projeto propõe um desenvolvimento do campo brasileiro cujos pilares estruturadores são:

Realização de uma ampla e massiva reforma agrária; fortalecimento e valorização da agricultura familiar;

Promoção da soberania alimentar; condições de vida e trabalho digno;

Dinamização do espaço rural com suas várias formas produtivas e de relações com a natureza, expressões culturais, diversidade organizativas e construção de relações igualitárias entre as pessoas.

A Enfoc foi desenhada a várias mãos e com cores diversas e, em 2006, inicia o processo formativo que permite e oportuniza mudanças e transformações nas vidas e nas práticas de sujeitos do campo. Essa Escola nasce com o desafio de fortale-

cer a luta sindical, promover o empoderamento coletivo dos sujeitos e a transformação da realidade. É um projeto ousado que, no início, poderia até parecer inatingível, mas que vem se mostrando como um espaço permanente de diálogo, aprendizagens, troca de saberes e de reflexão crítica, fortalecendo as estratégias de enfrentamento, de luta e de construção de **novas sociabilidades**.

Novas sociabilidades

Corresponde a uma práxis social humanizadora que articula, dialeticamente, a matriz marxista (sob o pensamento de Antonio Gramsci), a teologia da libertação (segundo Gustavo Gutiérrez, Leonardo e Clodovis Boff) e a pedagogia crítico-libertadora (formulada por Paulo Freire) para possibilitar a construção de sujeitos críticos, promotores de mudanças em sua realidade e na sociedade em geral. Faz destas matrizes fontes inspiradoras para o desenvolvimento de processos formativos libertadores e transformadores, capazes de radicalizar as bases estruturadoras do modelo de sociedade.

A intenção da Escola sempre foi chegar a toda base sindical, poder dialogar com as suas lideranças sindicais e influenciar suas práticas. Para tanto, era preciso definir um caminho que desse conta do tamanho do MSTTR. Esse caminho, dentro da estratégia formativa da Escola, foi a formação de militantes educadores/as populares que, por meio da **Multiplicação Criativa**, possibilitassem alcançar a base sindical pelo seu **Itinerário Formativo**.

Multiplicação Criativa

Compreende a recriação da estratégia de formação política da Enfoc nos âmbitos estaduais, municipais, microrregionais e a constituição de Grupos de Estudos Sindicais (GES) nas comunidades. A recriação dos cursos nos estados seguem com a mesma concepção, mesmos eixos temáticos e pedagógicos e acrescentam conteúdos demandados pelos/as trabalhadores/as a partir de cada realidade.

Itinerário Formativo

Caminho político e metodológico adotado para desenvolver o processo formativo desenvolvido pela Enfoc. Compõe-se de Curso Nacional, Curso Regional, Curso Estadual, Grupos de Estudos Sindicais e novos espaços criados por iniciativa das federações.

A multiplicação como estratégia formativa

Os educadores e educadoras populares da Enfoc, desde a primeira turma nacional, voltaram do curso para seus estados e municípios com a responsabilidade de serem multiplicado-res/as e fazerem a formação chegar à base.

A Escola já nasce compreendendo que, para sua consolidação, enraizamento e fortalecimento, o trabalho deveria ser feito de forma coletiva e em Rede. A Política Nacional de Formação (PNF) afirma que:

Construir uma Rede de formação é uma forma de garantir a horizontalidade da organização de educadores e educadoras. Onde as conexões necessárias entre seus integrantes e respectivas instâncias estejam permanentemente estabelecidas. (CONTAG, 2008, p. 37).

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, mesmo não estando explícita no projeto inicial da Escola, começa logo a dar seus primeiros passos, ainda que timidamente, colaborando para que a formação chegue a vários e diversos cantos do país.

A ideia de Rede ainda estava distanciada da sua efetivação. Sabia-se da importância da sua constituição, mas não se aventava qual o seu caráter e atuação. Inicialmente, trabalhou-se com duas redes, uma de colaboradores/as, formada pelos educadores e educadoras externos ao MSTTR, e outra de educadores/as, composta pelos assessores/as e dirigentes sindicais participantes do processo formativo da Enfoc e que, em seguida, começaram a atuar como educadores/as.

Essa divisão foi, aos poucos, desfeita. Entendeu-se que os colaboradores também eram integrantes da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, e o que une todos e todas é estar conectados pelos princípios da Educação Popular, vivenciando-os no processo formativo.

Quando a primeira turma do curso nacional foi para o curso regional, surgiram conflitos sobre o seu papel, se eram educadores/as ou continuavam sendo educandos/as. Esse conflito só foi resolvido quando essas mesmas pessoas foram convidadas a olhar para o que vivenciaram no primeiro curso da Enfoc e escrever sobre ele. Ainda sem ter noção de Rede, do que significava ser Rede, se desafiaram nessa missão.

Nesse sentido, a Rede se torna um espaço de articulação horizontal, no qual seus educadores/as mantêm uma conexão entre si e fazem desse espaço um lugar de experiências vivenciadas e compartilhadas, de reflexões sobre essa prática e de construção coletiva sobre o próprio processo formativo.

Assim, percebeu-se que, para essa Escola se tornar o grande referencial formativo do MSTTR, era necessário articular as suas ações mediante o trabalho em Rede. No entanto, a ação em Rede ainda era frágil para visibilizar uma ideia. Sabia-se da importância que começava a ter esta forma de trabalho, mas não era sabido como seria sua expansão, quais as ligações que estaria produzindo e, enfim, qual o caráter da sua atuação. Como acontecia de fato esse balançar?

A opção política da Rede

[...] de que lado você samba, de que lado, de que lado, de que lado você vai sambar? ¹ De que lado você balança, de que lado você vai balançar?

A Rede tem clareza de que lado está, pedagógica e politicamente. Faz um contraponto ao agronegócio, militando e debatendo, nas ações de formação, o papel dos educadores/as populares da Enfoc para atuar na busca de um mundo melhor, sustentável e solidário, que cada vez mais exige a necessidade de sabermos para onde queremos ir, qual agricultura queremos construir para garantir uma soberania alimentar em um CAMPO ecologicamente sustentável. E assim, vai desembocando no mar águas cristalinas, prontas para beber, carregadas por esse grande rio chamado Rede de Educadores/as Populares.

Esse posicionamento fortemente delimitado, demarcado pela clareza de suas propostas de sociedade e orientado pelo PADRSS repercute nos espaços em que a Rede atua. Seja na correlação de forças, na atuação dentro dos espaços de decisões ou na relação com outros sujeitos sociais.

Um exemplo que pode ser citado é a atuação em espaços de participação política como conselhos, fóruns, conferências e de controle social, principalmente naqueles que estão diretamente relacionados à vida no campo.

Outro movimento que a Rede faz e que fortalece o PADRSS é o seu envolvimento com as comunidades, quer seja por meio dos Grupos de Estudos Sindicais (GES), dos mutirões sindicais ou sociais, quer seja por outra ação junto a elas. Essas ações fortalecem as comunidades na perspectiva do desenvolvimento social, pensando na centralidade das pessoas que se relacionam com o mundo, expressam valores como o da educação do campo, da agroecologia, e dos direitos dos povos do campo. E do mesmo modo que as comunidades se fortalecem, a Rede também o faz, num fluxo contínuo do rio que vai irrigando e fazendo germinar sementes.

Para o fortalecimento enquanto Rede, a comunicação é fundamental, e o uso das tecnologias da comunicação tem contribuído muito para que a Rede seja vista no Brasil e no mundo. Esse movimento se faz para dentro e para fora da Rede e do Movimento. Para dentro, alimentando as informações e fortalecendo o vínculo entre os educadores/as; para fora, mostrando para a sociedade, parceiros, outros movimentos e instituições o jeito de ser da Enfoc e o jeito de ser Rede. Desse modo, ferramentas como o *whatsapp*, *facebook*, *e-mail*, *skydrive*, *dropbox*, *blog*, dentre outras, têm desempenhado papel relevante na articulação dessa Rede que tem se ampliado e se fortalecido a cada ação formativa desenvolvida pelo MSTTR.

¹ CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. Samba de lado. In: _____. *Afrociberdelia*. Rio de Janeiro, Estúdio nas Nuvens, 1996. São Paulo, Estúdio Mosh, 1996. 1 CD. Faixa 7.

O balanço da Rede

Sistematização da prática educativa

A Rede, mesmo sem se perceber como tal, começa a dar os seus primeiros passos. A sistematização² do processo formativo de experiências do MSTTR une pessoas dos diversos cantos do país que se desafiaram a escrever sobre suas mais encantadoras e também conflituosas vivências formativas! Essa escrita coletiva oportunizou uni-las pelo mesmo objetivo. E, na medida em que escreviam, iam se constituindo, se permitindo e vivendo a experiência do trabalho coletivo. E assim, foram se descobrindo integrantes de uma Rede e foi ali, na sistematização, que a Rede efetivamente se fez e se consolidou neste compasso.

A sistematização deu corpo à Rede, possibilitou o exercício da escrita coletiva e fez nascer espaços de encontro, sejam presenciais ou virtuais, dos educadores/as que passavam a se dar conta que estavam atuando em Rede.

Foi nesse lugar de sistematização que nasceu

o livro *Enfoc – Repercussões de um jeito de ser escola* (2010). Este livro trouxe as primeiras escritas sobre Rede, feitas pela própria Rede, destacando também de qual Rede estávamos falando. “A Rede de educadores possui características, princípios, uma dinâmica de comunicação e uma articulação permanente. Para operacionalizá-la, precisamos aprofundar seu significado, sua composição, suas atribuições e seus princípios” (SILVA ET AL., 2010, p. 88).

A escrita desse livro possibilitou a reflexão sobre a Rede da qual, naquele momento, estávamos falando. Formada por sujeitos diversos, que fazem parte do Movimento Sindical e que se desafiaram a construir juntos um espaço horizontal de reflexão e ação pedagógica, passou a ser chamada Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc. Estes sujeitos compartilham objetivos e papéis como educadores e educadoras, mas com tempos, necessidades e inserções diferentes. A Rede é um espaço no qual as limitações são respeitadas, ao mesmo tempo em que é um lugar onde os próprios

² A Enfoc tem em sua estratégia pedagógica a Sistematização de Experiência em processo, que possibilita um olhar crítico sobre a caminhada, refletir sobre a prática sindical, construir novas aprendizagens, produzir conhecimentos valorizando os sujeitos da experiência e traçar novos caminhos para a construção de uma nova sociabilidade.

Foto: Cleto Campos

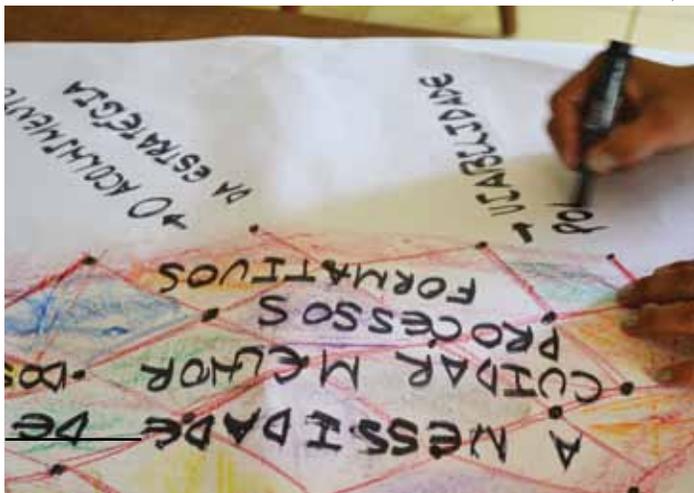


Foto: Cleto Campos



integrantes da Rede percebem que as suas limitações podem, sim, ser superadas.

A partir das experiências de escritas coletivas, feita através de muitas reuniões, muitos encontros, debates, discussões presenciais ou virtuais, a Rede aproximou e quebrou distâncias geográficas. As suas comunicação e interação foram encurtando distâncias geográficas, o que nos leva a perceber que a teia que une essa Rede é tão forte que acolhe distâncias e diferenças regionais, culturais, de credo, de cor.

A aproximação da Rede, que a sistematização possibilitou, gerou um conflito e uma ansiedade. Questionávamos: qual era o papel dela, além de sistematizar? E, por iniciativa dela própria, começou a acontecer um fenômeno intenso de intercâmbio. Seus membros começam a convidar uns aos outros para colaborar nos cursos estaduais e assim a Rede foi ganhando força e cobrando do MSTTR maior oportunidade de atuação junto aos cursos, tanto nacional, quanto regionais e estaduais. A ansiedade era para dar retorno ao Movimen-

to sobre o que estava sendo investido na formação, inclusive da própria Rede.

Desse modo, a sistematização tem sido apenas uma das dimensões da atuação da Rede. Ela oportunizou a própria consolidação por intermédio dos encontros e do exercício da escrita coletiva, mas sua função não é apenas essa. A sistematização ajuda a materializar a Rede, a refletir o seu papel e a escrever sobre a sua vivência. Por sua vez, seu papel vai além de sistematizar a experiência, ela deve animar e, na maioria das vezes, conduzir o processo formativo.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc vai ganhando cada vez mais espaço e credibilidade, ao mesmo tempo em que vai se colocando em um lugar de conflito por ser um espaço horizontal, que se constrói junto à base, desafiando mutuamente militantes, educadores, educadoras e MSTTR a terem novas posturas frente ao processo formativo e às questões centrais do PADRSS - um projeto político do Movimento Sindical.



Foto: Contag





2. COMO A REDE ATUA?

Formação continuada na Rede

Movimento circular que amplia e diversifica

Caminhos que seguem

2. COMO A REDE ATUA?



Foto: Contag

Me movo como educador/a, porque primeiro me movo como gente.

Paulo Freire

Como um rio que corre para o mar, a Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfo vem criando novas formas de atuar e interagir no MSTTR. Por meio de formas audaciosas de participação na construção de estratégias e nos espaços políticos do próprio Movimento, recria cotidianamente sua prática e revela um jeito criativo de fazer ações sindicais com base nos princípios da Educação Popular, da PNF, Projeto Político Pedagógico (PPP) e na perspectiva do PADRSS.

PNF

Articula um conjunto de diretrizes políticas e pedagógicas às estratégias de formação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais; assume a Educação Popular como teoria educacional em seus referenciais político-pedagógicos de humanização e emancipação do ser humano, tomando a posição de classe como determinante para a construção de identidades individuais e coletivas e promoção da justiça social. Explicita qual o projeto de sociedade que se defende e quais as mudanças sociais, éticas e políticas que esse projeto vislumbra.

PPP

Explicita os princípios políticos e pedagógicos orientadores da formação humana, quais são os sujeitos sociais que envolve e quais os caminhos a serem seguidos na formação. Este conjunto de elementos, articulados a partir de suas dimensões políticas, pedagógicas e metodológicas, caracteriza os espaços formativos e orienta os processos de gestão e organização da prática educativa.

Mas, para o rio chegar ao mar, ele precisa construir seus próprios caminhos, aproveitar espaços existentes e permitir que seu fluxo passe, alcance lugares diversos, se fortaleça, supere barreiras, construa novos afluentes e não perca de vista aonde quer chegar.

A participação ativa dos educadores/as populares nas diversas ações sindicais fortalece o exercício da prática formativa em Rede. Cada educador/a anima o processo e concebe um método de comunicação e troca, pois os espaços formativos e políticos estão em constante construção. Assim, ambos os espaços se alimentam, se fortalecem e se renovam.

Vamos ao território demarcado pelo nosso rio! É preciso compreender que, ao percorrer o território da formação, adentramos os espaços dos municípios/territórios/comunidades rurais, polos regionais, microrregionais, estaduais e nacionais, onde o pulsar da vida acontece. Em cada um desses espaços se vivenciam processos formativos de um jeito único. Cada momento tem sua dinâmica, seus passos, seu jeito, seu encanto, seu canto, sua dança e sua vida própria. A Rede consegue balançar onde quer que vá e quando necessário for.

É por meio da atuação dos educadores/as da Rede que a prática formativa da Enfoc se alimenta e se renova com vivências de metodologias participativas embasadas nos princípios da Educação Popular, que incluem a construção coletiva do conhecimento, o diálogo, a participação, a complementaridade e troca de saberes e o respeito às diferenças. Faz uso de inúmeras formas de comunicação: o canto, a mística, conversas, debates.

Nós estamos aqui, ali e acolá. Nós estamos onde o compromisso que assumimos quer nos levar. Essa Rede é Rede que pulsa, agrega, sustenta, liberta, descansa, cansa, alimenta, enfeita. É Rede de ensinar e de aprender!

A Rede é movimento, e a sua circulação é garantida pelas diversas organizações do MSTTR (Sindicatos, Federações e Contag), quando disponibilizam seus espaços, mobilizam sua base, abrem caminhos para que este jeito de atuar chegue às comunidades e assentamentos rurais. Contribuem financeiramente para sustentar suas ações, que se somam ao intenso compromisso dos educadores/as, que se assumem e se deslocam pelos caminhos necessários à formação.

A prática da Rede, com seu jeito próprio, se materializa nos cursos nacional, regionais e estaduais da Enfoc, nos Grupos de Estudos Sindicais (GES), e se multiplica gerando novas práticas e renovando as existentes. Torna mais dinâmicos, vivos, prazerosos e fortes os espaços do MSTTR, fazendo com que as ações formativas cheguem até os trabalhadores e trabalhadoras rurais nas diversas comunidades do país.

A experiência vivida nos cursos de formação político-sindical leva os/as educadores/as ao

exercício da já referida multiplicação criativa. A estratégia formativa da Escola, que inicialmente é construída seguindo um itinerário, se reinventa a partir da prática da Rede, que cria novos espaços e possibilidades, conforme a realidade de cada lugar.

Desde este cenário, o Itinerário Formativo da Enfoc vem se ramificando e se expandindo. Hoje são desenvolvidos também cursos nos polos/regionais sindicais e municipais, seguindo os princípios e eixos temáticos e pedagógicos da Enfoc: Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, Memória, Identidade e Pedagogia para uma Nova Sociabilidade. Estes consistem em reler a história e resgatar as raízes de pertencimento à classe trabalhadora, reconhecer e construir um protagonismo social emancipador, por meio do qual os sujeitos do campo se conheçam enquanto classe, fortaleçam suas lutas, ampliem suas conquistas e compreendam a importância de se somar enquanto classe à construção de um projeto popular, no qual os trabalhadores do campo sejam reconhecidos e valorizados enquanto tal.

Essa expansão tem provocado um tipo de demanda para a Escola que exige muita sensibilidade para o atendimento. Ela não é apenas quantitativa, portanto, não admite uniformidade de resposta. A estratégia de Rede tem se mostrado a melhor forma de responder a estes casos. Os/as educadores/as da Rede Enfoc vêm se formando ao mesmo tempo em que enfrentam um desafio atrás do outro; uma reinvenção atrás da outra. Isto os leva a identificações que favorecem o trabalho coletivo de recriar propostas a partir do que têm em mãos, sem simplesmente reproduzir.

Quando a Rede em algum canto do país é tímida em sua atuação, pode contar com o reforço de outros pontos, aos quais ela já conse-

guiu adensar sua trama em maior quantidade e vigor dos seus fios. Quando lá precisamos de ajuda, vamos daqui para que o balanço da Rede não esmoreça.

A Rede não é homogênea no fazer, no pensar, na compreensão e no aprofundamento temático; não tem fios completos que não careçam de outros fios que interliguem extensões variadas, produzindo um tecido uniforme ao criar vínculos e estabelecer pertencimento.

Por essa razão, os princípios da complementaridade e da reciprocidade lhe são tão importantes, pois evitam o rompimento do fluxo formativo. Por exemplo: de forma tímida uma região/polo ou município começa a desenvolver a experiência de um curso de formação. As pessoas que coordenam o curso vêm geralmente de uma experiência formativa estadual/regional/nacional e procuram construir, com o grupo que elas articulam, um processo de recriação metodológica. Encaminham a matriz pedagógica a ser discutida em outras instâncias da Rede, recolhem, acolhem sugestões, reconstróem.

Cada curso, ao ser iniciado, conta assim com a participação da Rede. Pode contar mais ainda, se for necessário um reforço, como a presença de educadores e educadoras de outras regiões ou estados para dialogar com algum conteúdo do curso, ajudar nas reflexões pedagógicas, na sua avaliação e sistematização, enfim, no que for preciso. Esta forma de atuar contribui para encorajar os/as educadores/as populares da Enfoc na ação formativa, dá consistência à Rede e fortalece o MSTTR.

Expressamos, anteriormente, que nos cursos da Enfoc tem sido adotada a sistematização como prática educativa. É a Rede que compõe as equipes que se responsabilizam pelos registros e reflexão

do vivido nas práticas dos cursos; que identificam problemas, tensões, aprendizados, criações, potencialidades e direcionam tudo isso para ser analisado no coletivo, buscando encontrar caminhos para melhorar as práticas e potencializar as aprendizagens. Mas a sistematização não tem se limitado aos cursos. Está atingindo as experiências significativas do Movimento, práticas de GES e outras atividades em que a Rede se faz presente, como os encontros de formação.

Com isso, a sistematização tem desempenhado um papel muito importante para provocar a Rede a sentir-se Rede. Por quê? Primeiro, porque leva os educadores e educadoras populares ao maior conhecimento de suas práticas; permite que se enxerguem nessas práticas; reconhece os diferentes saberes, em interação, e demandam outros para problematizá-los e/ou complementá-los. Ainda: desenvolve o poder da comunicação de tudo isso; proporciona e difunde aprendizagens; enlaça, subjetiva, forma... e gera material para estudos.

Outro exemplo que merece destaque é a atuação da Rede nas oficinas de autoformação que antecedem os módulos dos cursos, em qualquer nível do Itinerário Formativo da Escola. Quando a Rede passou a atuar nas oficinas de autoformação de maneira mais dinâmica, assumindo atividades como oficinas temáticas, diálogos pedagógicos, organização das turmas, isto repercutiu nos cursos. Passou até a contribuir com os colaboradores convidados (de universidades, ONGs, órgãos públicos) para atuar nas atividades formativas, pois desenvolveu competência para situá-los nos contextos for-

mativos, tornando mais orgânicas suas contribuições temáticas.

Nos cursos regionais e, principalmente, nos municipais, enquanto a Rede articula, mobiliza, assume a facilitação de oficinas e desenvolve alguma unidade temática, está possibilitando maior presença da Enfoc nas comunidades.

Esses cursos permitem ampliar muito a formação nos estados, garantindo que um maior número de trabalhadores/as rurais e dirigentes sindicais possam participar e ampliar seu conhecimento e relações, construindo e reconstruindo formas de sociabilidade que ajudam a entrelaçar os fios que compõem a Rede. Muitos deles/as passam a integrar a Rede, construindo, assim, uma boa movimentação junto às comunidades rurais e espaços organizativos do MSTTR.

As experiências destes cursos, em alguns estados, acontecem com duração de quatro dias, em outros com duração de três dias. Em alguns casos, a alimentação é trazida pelos próprios participantes; a Rede mobiliza a autossutentação dessas atividades.

Para que a formação chegue mais próximo das comunidades rurais, os Grupos de Estudos Sindicais (GES) se tornaram o lugar mais fértil para os educadores populares exercitarem sua criatividade e recriarem jeitos, caminhos, metodologias da prática em Rede, e hoje, os GES estão esparramados nos diversos cantos do país, discutindo a importância da participação política e da organização da classe trabalhadora; sendo assim, estimulam e constroem novas relações entre direção-base do MSTTR.

O GES é uma estratégia de articulação e dinamização das lutas e pautas do movimento sindical junto às comunidades rurais e das comunidades junto ao MSTTR. Tem um jeito próprio de atuar e de se desenvolver em articulação com os STTRs, conselhos e/ou delegacias sindicais e com outras formas de organizações e grupos de base. Sua organicidade e dinâmica depende da recriação dos processos formativos, do engajamento dos integrantes da Rede e do comprometimento dos sindicatos com os processos formativos. Ao participar dos GES, os trabalhadores/as manifestam o desejo de conhecer a Enfoc e despertam para participar dos cursos, como referimos anteriormente.

Vamos seguir os afluentes do nosso caudaloso rio chamado Rede Enfoc, para continuar contando como ela atua

Há lugares em que a Rede se movimenta em ações locais, nas comunidades, no acompanhamento dos GES, por um processo de colaboração solidária que constrói e fortalece as ações formativas e o MSTTR. Nem é possível dizer quem surgiu primeiro, se foi a Rede ou as experiências de GES; o que sabemos é que se complementam.

Em alguns estados, os GES se concentram em uma e outra comunidade; em outros, irrigam todo o estado; há os GES mais recentes, os mais antigos, os que se juntaram e até os que deixaram de funcionar. Mas o saldo é sempre positivo, tanto em números quanto em força política e social para o Movimento. A cada dia, os GES estão mais integrados ao Itinerário Formativo da Enfoc, e a Rede é responsável por cuidar para que, nesta integração, tanto os GES quanto os cursos realizados em diferentes espaços combinem aprendizado sobre os mais variados temas com a satisfação do encontro entre as pessoas, criando as condições para que as pessoas sintam a humanidade que necessita ser

cultivada em cada ser, e possam acolher cada um com seus sonhos e necessidades. Em alguns estados, os GES são práticas que estão acontecendo, a partir das atividades formativas, especialmente dos cursos estaduais, e a Rede é quem assume o papel de organizar, animar e acompanhar as suas reuniões nas comunidades rurais. A Rede está florindo e tem um balançar que vem animando, além dos GES, as Delegacias Sindicais e os trabalhos comunitários.

[...] foi nas atividades que fomos nos unindo e hoje estamos contribuindo um/a com o/a outro/a, colaborando, mesmo à distância, trocando material e compartilhando ideias, isso já é a formação da Rede pra mim.

Esse jeito de organizar a atuação em Rede tem mostrado o quanto é rico e prazeroso atuar em reciprocidade, pois as pessoas se comprometem, assumem e aprendem juntas e tudo fica leve e mais gostoso de fazer. O saber e o fazer circulam e as pessoas aprendem umas com as outras. Por isso, hoje se expandem os espaços do Movimento em que as atividades formativas são pensadas, dialogadas, construídas e executadas pela Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc. Há muita comunicação de um estado com os outros. Sabemos que não somos uma Rede em cada estado, somos parte de uma só Rede, que vem transformando a ação e a prática sindical pelo Brasil afora.

Eu acho que o trabalho coletivo foi o segredo pra tudo dar certo. Tudo a gente fez junto, desde as primeiras conversas, as oficinas de autoformação... E a gente descobriu que era no fazer coletivo que a gente fazia com que as coisas dessem certo. Primeiro, porque a gente fez uma entrega muito bonita pra esse processo; segundo, porque a gente descobriu

que era na coletividade que a gente fazia esse processo acontecer de fato. Então a gente ria junto, a gente chorava junto, a gente sentia medo junto e a gente superava todas essas coisas juntos/as. Então, verdadeiramente, foi uma experiência desafiadora, mas muito prazerosa, e eu pretendo viver muitas dessas ainda. Sendo parte dessa Rede de educadores.

A Rede, a cada dia, encontra um novo fio para dar mais força ao seu tecido; é como as águas que num afluente correm, transbordam, regam margens e disponibilizam potência para crescer com os outros.

Percebemos que a força dos GES cresceu muito quando foram tomadas iniciativas como a criação do espaço regional de “Animadores/as de GES”, abrangendo coordenações regionais sindicais, e tendo por objetivo estimular a criação de GES nas comunidades rurais, bem como ser espaço de discussão sobre a escolha dos participantes para os cursos estaduais da Enfoc. Os grupos de “Animadores/as de GES” são mobilizados e orientados pelos/as educadores/as populares das regionais sindicais que, juntamente com os/as coordenadores/as dessas regionais, fazem as discussões sobre os processos formativos. E durante os módulos exercitam os diálogos sobre Educação Popular e multiplicam conhecimentos, ligadas aos eixos pedagógicos estudados na Escola.

A Rede também está presente, promovendo e participando dos Encontros de Formação, espaços que ora pensam a prática do Movimento, subsidiando a atuação da Rede, ora são resultados da prática em Rede. São realizados em âmbito Nacional, como o Encontro Nacional de Formação (Enafor), nas regiões e também nos estados, estendendo-se a diversos deles, em conformidade com as necessidades do MSTTR.

Os Encontros de Formação tornaram-se espaços de protagonismo da Rede, quando ela planeja, articula, anima e se retroalimenta, ao vivenciar diversas estratégias e metodologias formativas. Contribuem para o fortalecimento da Rede na medida em que demandam sua atuação desde o processo de concepção, preparação, mobilização e realização, atuando em todos os momentos, facilitando oficinas, moderando diálogos pedagógicos, rodas de conversas, atividades culturais, intercâmbio de experiência, organização de feiras (com a exposição de produtos, a troca de sementes), e sistematização de vivências.

Esses Encontros têm proporcionado maior vínculo com a Educação Popular, com o tripé que orienta a prática da Enfoc – PNF, PPP e PADRSS – e ainda com temas decorrentes das necessidades conjunturais de conhecimento ditadas pela prática da Rede e que, em alguns casos, se convertem em seus eixos temáticos.

1º. ENAFOR – *Construindo uma Política Nacional de Formação (2005);*

2º. ENAFOR – *Pela transformação da realidade e emancipação dos sujeitos (2008);*

3º. ENAFOR – *Fortalecendo a ação sindical a partir de estratégias formativas de base (2011)*

4º. ENAFOR – *Formação de base, para quê? (2014)*

Foi a partir desses Encontros que a Rede passou a entender melhor e a assumir o Itinerário Formativo da Enfoc, reforçando e intensificando os compromissos com o processo formativo, pois eles possibilitam:

Integração – juntar os/as educadores/as formados/as na Enfoc, dirigentes sindicais e lide-

ranças ligadas à formação de todas as regiões do estado (Encontros Estaduais).

Conscientização – reconhecer a importância de assumir todo o Itinerário Formativo da Enfoc e organizar os educadores/as em Rede, no intuito de dinamizar e valorizar suas ações no Movimento.

A Rede passou, gradativamente, a se reconhecer como tal, realizando reuniões e encontros para discutir ações formativas, especialmente no âmbito estadual e no lugar de atuação dos educadores/as, realizando inúmeras e diversificadas atividades formativas.

A primeira luta foi de constituir a Rede e nos reconhecer como Rede, não só na teoria, mas na prática. A Rede não é só para a formação. Ela deve ultrapassar as fronteiras da formação, pois existem muitos espaços e estes devem ser preenchidos.

Compromisso – nos Encontros Estaduais, a Rede vem ganhando expressão e importância. Estes Encontros têm sido pontos de articulação para as pessoas se animarem com os processos formativos, em que a Rede assume por completo seu papel, planejando, construindo e realizando todas as oficinas de autoformação e atividades dos cursos que acontecem no Estado.

Os Encontros Estaduais têm possibilitado que algumas propostas sejam desenvolvidas, como por exemplo, a criação de um coletivo estadual de formação com envolvimento da Rede. O número de dirigentes sindicais da base que faz parte da Rede faz com que a maioria das pessoas desse coletivo também seja da Rede, e este foi um dos critérios para participação no coletivo: priorizar as pessoas que estivessem envolvidas com as propostas for-

mativas da Enfoc, ou que já tivessem participado de algum curso organizado por ela. Experiências como esta dinamizaram a Rede, possibilitando maiores momentos de encontro para pensar a formação no Estado.

Pertencimento – proporcionar maior contato com os debates da Educação Popular e a decisão de desenvolver projetos e ações a várias mãos e em Rede, conforme destaca o depoimento:

Esse pertencimento de Rede, aqui no Ceará, pra mim se deu a partir do Encontro Estadual de Educadores e Educadoras que aconteceu. Nós já tínhamos todos passado por cursos, vínhamos desenvolvendo ações formativas nos nosso lugares, mas esse pertencimento surgiu naquele encontro, que dissemos que somos Rede e que essa Rede precisa



balançar aqui, que podemos contar um com o outro, que estamos interligados; o pontapé inicial pra gente trabalhar em Rede foi no Encontro Estadual de Educadores/as.

Coragem e iniciativa – encorajar os educadores e as educadoras a se manterem articulados/as e interligados/as às estratégias nacionais para encontrarem, coletivamente, formas de contribuir com o fortalecimento do Movimento Sindical a partir da prática da Rede no Estado.

Em alguns estados, o caminho encontrado para dotar a Rede de coragem e iniciativa para realizar a multiplicação criativa na formação foi a realização de Encontros de Rede. Com isso, tem sido possível fortalecer a identidade e discutir o papel da Rede no Movimento. Nestes Encontros,

fica claro que definir-se como educador/a da Rede é um passo importante, mas não basta. Para ser educador/a e atuar em Rede, é preciso integrar-se a uma estratégia clara quanto à sua finalidade e identificar ali o seu papel, assumindo-o com vontade e compromisso.

Frente à percepção de que os afluentes deste rio chamado Rede precisam ser mantidos articulados e interligados às estratégias nacionais, para contribuir pelo fortalecimento do Movimento Sindical, a Rede tem sido cada vez mais criativa quanto às atividades de formação. A formação na ação aparece como prioridade para alimentar a Rede, subsidiar a prática do educador e conseguir manter viva a relação entre educadores/as e organizações sindicais.

Foto: César Ramos



Formação continuada na Rede

As reflexões feitas sobre a formação continuada destacam como este tem sido um caminho endereçado para garantir esta formação aos educadores/as populares que fazem os cursos no Itinerário da Enfoc, tornando-os cada vez mais militantes e comprometidos/as com o que fazem; estimulam espaços de articulação e comunicação entre os educadores/as; mantêm financeiramente as ações crescentes de formação e as estratégias de atuação em Rede; estimulam mudança de visão e de postura do/a próprio/a educador/a como facilitador/a de processos formativos e estimulam, cada vez mais, o sentimento de pertencimento dos/as educadores/as à Rede.

Alguns estados estão também realizando Encontros ou Seminários de Formação, que são atividades de aprofundamento teórico e metodológico, com envolvimento de toda a Rede no Estado, quando se discutem e se avaliam as atribuições da Rede no Movimento e que apontam para propostas de formação continuada a fim de aprofundar conceitos da Educação Popular e das teorias que dão suporte ao PPP, à PNF e tratam do PADRSS.

O primeiro encontro dos educadores/as da Rede, que discutiu formação continuada e o eixo formação na ação, evidenciou a necessidade de investir na autoformação dos/as educadores/as, na formação de dirigentes sindicais e dos trabalhadores e trabalhadoras de base. Imbuídos em atuar com o eixo formação na ação, a Rede fica ainda mais viva, e dá vida à formação transformadora que orienta a Educação Popular, inspiradora da prática educativa da Rede.

A construção coletiva é o segredo para tudo dar certo. Na Enfoc, tudo a gente faz junto. Desde as primeiras conversas... É uma entrega muito bonita! Logo a gente descobre que, na coletividade, tudo podia acontecer de fato. Então a gente ri junto, a gente chora junto, a gente sente medo junto e a gente supera tudo juntos/as. Então estar na Enfoc é uma experiência desafiadora, mas uma experiência muito prazerosa e cheia de aprendizados...

Movimento circular que se amplia e se diversifica

Todas essas ações e reflexões em Rede contribuíram para a consolidação de novas práticas formativas, como a Jornada Pedagógica, os Mutirões Sindicais, os Cursos de Formação em temáticas específicas (Cooperativismo), entre outras, que se originaram e/ou se fortaleceram a partir da vivência da Rede, troca de experiências de atuação nos estados, bem como visibilização dessas mesmas ações por meio da sistematização. Nesse fazer, no qual as práticas dão sentido ao jeito de ser escola, nos permitimos experimentar novos saberes, cheiros, sabores e vivências, no ritmo em que a constituição do processo em Rede nos ensina, cotidianamente, que não estamos sós, que não deve existir a barreira do isolamento e da distância.

É o rio criando novos contornos, fertilizando outros espaços e integrando os territórios, possibilitando ao MSTTR criar e fortalecer vínculos; comunicar-se com maior regularidade e expandir sua sociabilidade.

Jornada Pedagógica

A Jornada Pedagógica é uma ação formativa itinerante que resultou da articulação entre módulos em cursos de formação. Mesmo já se

constituindo uma prática consolidada – realizar atividades itinerantes nos cursos estaduais, regionais, microrregionais e municipais – surgiu como uma necessidade de a Rede coordenar e animar uma reflexão contundente sobre os principais acontecimentos, problemas e desafios que interferem na sociedade, que impactam direta e indiretamente a dinâmica de vida das pessoas, principalmente daquelas que, por um motivo ou outro, não tiveram ou não têm acesso a um conjunto de informações que lhes possibilitem o enfrentamento desses problemas e desafios.

A Jornada Pedagógica nos deu condição de um grande aprendizado e nos ajudou a cumprir a nossa tarefa como intermódulo do Curso Estadual. Foi esse processo que nos deu a possibilidade de conhecer de perto a realidade dos nossos companheiros/as da Transamazônica e Xingu, de conhecer outras realidades e continuar debatendo sobre os grandes projetos que estão sendo implantados no Estado do Pará.

Por sua vez, embora atuando na mesma região – aquela onde acontecia o curso –, parte dos dirigentes e lideranças sindicais não se conhecia, principalmente os que estavam nas direções dos sindicatos. Quando se conheciam politicamente, pouco se articulavam para uma ação regionalizada. A Jornada facilitou este conhecimento e articulação⁴.

⁴ Ver a obra *Práticas de um Sindicalismo de Base* (p.100) e veja as experiências do Pará no tópico 2.1 Passos da Jornada: aprender com as vivências.

Mutirão Sindical

Já afirmamos que a formação na ação aparece como prioridade para alimentar a Rede, ou seja, exercitar a prática de educador e conseguir manter viva a relação entre educadores e organizações sindicais. Para entender um pouco mais sobre isso, trouxemos a experiência do Mutirão Sindical que vem sendo trabalhado em diversos estados. Em cada estado onde se realiza, a Rede tem o seu jeito de conceber e realizar o Mutirão⁵:

Mutirões após o curso regional – há estados em que os mutirões sindicais acontecem logo após o término de uma turma do curso regional e deles participam os educandos e educandas, os educadores e educadoras, a direção do Sindicato que acolhe o mutirão e a coordenação da Federação naquela região. A Rede e os demais dirigentes visitam todas as casas da comunidade, conversam com seus moradores, discutem a problemática da comunidade e preenchem um questionário. Ao final do dia, acontece uma reunião com todos os moradores daquela comunidade, com assuntos pertinentes ao mundo sindical e às políticas públicas para o campo.

Mutirão sindical de mobilização de base – esse tipo de Mutirão, que acontece na base de um Sindicato filiado, inicialmente conta com dois objetivos: fomentar um processo de autoformação dos educadores/as a partir da prática e animar a base do Sindicato que recebe o mutirão, aproximando a entidade dos trabalhadores/as. Esses mutirões têm duração mínima de três dias. O primeiro destina-se à formação continuada dos membros da Rede, com aprofundamento de temas ligados ao PADRSS. No segundo dia, os educadores e educadoras visitam

as famílias, distribuem material, conversam sobre o papel do Sindicato, recadastramento sindical e fazem convite para reunião à noite, visando à integração de toda a comunidade. A reunião noturna é o momento de exposição dialogada, pois os educadores falam da importância do Sindicato na vida da categoria, sobre o PADRSS, direitos e deveres dos associados. Já os trabalhadores trazem para esse espaço a visão que têm em relação à entidade, os problemas enfrentados na vida e trabalho, bem como suas demandas. Após essas discussões, são realizadas atividades culturais, danças circulares e brincadeiras. O terceiro dia é destinado ao preenchimento de formulários de recadastramento sindical para os/as associados/as e inscrição de novos sócios.

Mutirão Sindical de Oficinas de Multiplicação Criativa em Gestão Administrativa e Financeira – esta atividade tem como referência a proposta de multiplicação criativa do Programa Nacional de Fortalecimento das Entidades Sindicais – PNFES. São oficinas realizadas para membros de Conselhos Deliberativos dos Sindicatos (diretores efetivos, suplentes, conselheiros fiscais e delegados sindicais), nas quais os integrantes da Rede facilitam oficinas desenvolvendo a temática Gestão Administrativa e Financeira. O alcance dessa ação é grande. Os custos da ação são mantidos pelo Sindicato que promove a oficina, inclusive transporte, alimentação e hospedagem de no mínimo dois educadores que se disponibilizam para facilitar o processo formativo. A Rede adota a seguinte metodologia: um sindicato central recebe seus integrantes na sede do Sindicato, ali a Rede se prepara para atuar nos mutirões, se organiza “em duplas ou trios” e se desloca para os municípios nos quais acontece o mutirão. Já na sede do Sindicato, os educadores/as facilitam de

⁵ Algumas dessas experiências são inspiradas na Semana Sindical do Rio Grande Sul, prática esta sistematizada pela Rede de Educadores e Educadoras Populares desse estado que, por sua vez, recolheu subsídios dos Mutirões da Cidadania do Espírito Santo.

forma participativa com os membros do Conselho Deliberativo os estudos dos temas previamente definidos.

Mutirão Sindical de Recadastramento – a Rede se reúne em sua região, na sede de um sindicato, e o Sindicato custeia o acesso do educador às comunidades. No local indicado pela diretoria do Sindicato, os/as educadores/as divulgam o trabalho de recadastramento dos associados e incentivam a filiação de novos sócios.

Cursos de Formação

Cursos de Formação de Multiplicadores em Cooperativismo Solidário – essa atividade, coordenada pelas secretarias de Política Agrícola e Meio Ambiente e de Formação e Organização Sindical, tem como público prioritário a Rede de Educadores e Educadoras Populares, visa à “alimentação da Rede, educador e educando”, e tem como referência político-pedagógica a PNF e o PPP, além de incorporar tarefas que apontam caminhos para a realização de GES, Plenárias Regionais e Feiras Regionais da Agricultura Familiar, Intercâmbios, entre outros. As ações regionais e de base são de mobilização e animação, possibilitam a ampliação do público do curso por meio da multiplicação criativa dos conteúdos de cada módulo nos GES. Integram a Rede e a base sindical, fazendo um movimento permanente de troca de conhecimento e de articulação de estratégias para constituição de cooperativas solidárias da agricultura familiar.

Atuar em Rede requer estar aberto à convivência com o diferente, pois cada educador/a é único e torna o espaço Rede mais completo. Sua sabedoria, sonhos, a coragem se juntam a tantos outros, afinal, somos diversos nos jeitos, cores, expressões e o que

nos conecta à Rede é a busca, a inquietude e o compromisso com a construção de novas sociabilidades baseadas no respeito, na amizade, na solidariedade, na superação dos medos. É nos nutrir com as descobertas nas quais o sentir-se capaz vai se manifestando a cada passo dado, a cada compromisso realizado. Vivenciar tudo isso é poder tornar visível nossas raízes, construir vínculos identitários com o que fazemos e desejamos ver mudado no mundo.

Tudo isso revela que, para o rio chegar ao mar, requer a criação de caminhos próprios, moldando-se à geografia do território, criando curvas e ultrapassando limites.

E assim a Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc nos estados aponta seus caminhos com um jeito próprio de andar, acreditando que só é possível atuar em Rede se houver colaboração, reciprocidade e integração com as instâncias sindicais. Quando tudo isso acontece, estão criadas as condições objetivas para ela atuar.

Caminhos que seguem...

Temos nós, da Rede de educadores e educadoras, espalhados pelos vários cantos do Brasil. Diferente dos nós da rede de pescar que, às vezes, é feita por uma só pessoa, os nós de nossa Rede foram feitos por muitas e muitas pessoas que acreditam na transformação dos sujeitos e, consequentemente, na transformação do mundo, a partir do viés consistente da formação política e alicerçada na Educação Popular.

Em vários estados, municípios e comunidades desse Brasil tropical, temos gente acreditando em gente, investindo em gente. Nossas viagens pelos caminhos da formação acontecem no frio do Sul, nas correntezas dos rios que cortam a Amazônia ao norte do País, nas praias, serras e sertões do Nordeste. As veredas formativas foram abertas intencionalmente a oeste e leste do país, alargando o caminho dos saberes que se juntam aos princípios da PNF.

As embarcações seguem as correntezas dos rios em muitos espaços do nosso país, e a formação acontece ali mesmo, às suas margens, embaixo das lindas e grandes árvores, acolhendo homens e mulheres que buscam, na formação, seu momento de libertação e emancipação política.

A Rede continua pisando firme em chão fértil, fazendo-se germinar em cada canto desse imenso Brasil tropical, quente e frio, e em campos floridos.

Seguirá também o curso dos rios, com seus contornos, areias, pedras, com suas correntezas, as tranquilas e as mais agitadas. Antes que esse rio deságue no mar, muitas pessoas se banham nas suas águas.

O conceito de Rede se define na entrega, na vivência, no prazer, no fazer de várias mãos. Receita? Não temos! Mistérios? Não há!

O que temos mesmo é o desejo que todas as mulheres e homens sejam libertos e que possam fazer livremente suas escolhas políticas e ver o Movimento Sindical ser um espaço de fortalecimento da identidade e de luta de classe. Assim, o que podemos ainda dizer é que a prática da Rede revela o que e quem ela é, e ainda mais: quais os seus propósitos.

A Rede é comprometida com o a Educação Popular, com os princípios da Política Nacional de Formação da Contag e com o futuro do MSTTR que, de um jeito solidário, criativo e participativo, planeja, articula, mobiliza, prepara, cria e recria processos formativos com um jeito próprio, pois se apega na esperança de ter o Movimento cada vez mais forte, combativo e atuante. Então, a Rede é

REDE

prática e estratégia de resistência, experiência num presente que traça futuro, vontade materializada em ação, valorização do ser humano e afirmação de princípios vividos e defendidos por nossos ancestrais como a reciprocidade, a complementaridade, a inclusividade e a solidariedade. A estes são adicionados outros princípios decorrentes de nossas vivências mais recentes.





Brasília - ur

3. QUE REDE É ESSA?



Fotos/Fotomontagem: Cléto Campos

O que nos move e nos alimenta a participar da Rede?

O que sustenta a Rede?

Sintetizando

3. QUE REDE É ESSA?



Foto: Contag

Era uma vez um lugarzinho no meio de tudo. Que alegria, anima, desafia, encoraja, mata e provoca sede, alimenta e esvazia a alma. Um lugar que nos completa e ao mesmo tempo nos deixa incompletos, um lugar diversificado e singular. Era uma vez um lugar de chão pisado por homens e mulheres que se permitiram o diferente, sem saber que era diferente. Nesse lugar moram sonhos, belezas, encantos e também moram desafios e teimosias. Era uma vez!

A Rede nos remete a pensar no porquê de sua criação e no que move seus integrantes a desenvolverem ações coletivas a partir de princípios, sonhos e desejos comuns.

Estamos falando de uma Rede construída por mulheres e homens, gerada a partir de uma estratégia – a Política Nacional de Formação (PNF). Esta Rede tem como objetivos possibilitar a construção contínua de conhecimentos e a formação político-sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais sindicalizados. Para isso, procura promover a ligação, o apoio mútuo, a colaboração e a interação na ação coletiva dos educadores e educadoras populares formados/as pela Enfoc; buscar horizontalidade na organização e nas ações realizadas, permitindo a constante conexão entre estes sujeitos e deles com suas instâncias; e atuar de forma oportuna e instigadora, pedagógica e política.

Oportuna e instigadora, porque mantém a conexão entre as pessoas que vivenciaram o processo de formação da Enfoc, possibilitando a continuidade e a multiplicação criativa, desafiando-nos a construir novos meios para fazer a formação de base nas diferentes terras, águas e florestas.

Pedagógica, porque a organização em Rede possibilita um jeito de atuar que permite a continuidade, a ampliação e a socialização dos conhecimentos construídos, possibilitando uma leitura crítica da realidade a partir do chão que pisamos. A Rede abarca informações, insere elementos que processa coletivamente, dialoga e constrói aprendizagem.

Política, pois a formação na Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc possibilita a vivência de valores capazes de consolidar a construção de uma nova forma de ver e viver em sociedade (nova sociabilidade). O alcance de diferentes lugares nesse Brasil “de cores mil”, onde muito de seu povo ainda vive submetido às correntes ideológicas burguesas. Fazer formação de base é, sobretudo, libertar-se destas correntes, sendo, portanto, tarefa política dessa Rede que sonha com um mundo justo, fraterno e solidário, no qual as desigualdades entre as pessoas sejam exterminadas do nosso convívio.

Foto: César Ramos



Dessa forma, a Rede proporciona:

- Construção de novas vivências que considerem os diversos saberes e que provoquem mudanças na prática sindical, fortaleça os espaços organizativos e construa relações mais horizontais e democráticas;
- Fortalecimento da atuação do sujeito e de suas organizações na perspectiva da luta de classes;
- Resgate da história, da identidade camponesa, da cultura, de valores e princípios da classe trabalhadora;
- Ressignificação e afirmação da luta, da militância, sendo esta uma estratégia e uma prática de resistência que oportuniza e dá força à atuação da base;
- Ponte entre as direções do MSTTR e sua base, articulando e aproximando suas instâncias nos estados, regiões, Sindicatos, associações, cooperativas e delegacias sindicais no propósito de fortalecer a base;
- Estímulo ao sentimento entre educadores/as, de que são capazes e que, ao superar seus medos, podem ir longe, transformando a prática e exercendo a Educação Popular por meio da multiplicação crítica do conhecimento, numa relação de apoio mútuo, colaboração, interação e construção contínua de conhecimentos na ação conjunta;
- Reconhecimento de que, como Rede, se conquista o direito ao cuidado, passando a ter, pelo conhecimento, uma relação de trabalho sobre si e também sobre os outros, com quem compartilha atividades, interesses e projetos para o social: estudo, reflexão, investigação.

O que nos move e nos alimenta a participar da Rede?

A principal “porta de entrada” para a Rede é a formação na Enfoc – ter passado por algum espaço do seu Itinerário Formativo. Embora a Rede tenha sido “institucionalmente” articulada como um espaço na estratégia formativa, o que de fato a constitui, consolida, sustenta e a coloca em movimento é um conjunto de elementos complexamente relacionados. O mais forte deles é a motivação, a vontade de participar da Rede. Querer estar na Rede é o componente principal, o que gera vontade de participar, de se reconhecer parte e de se manter nela.

O que move os educadores e educadoras populares como Rede é, primeiramente, essa postura assumida de SER EDUCADOR/A. Essa identidade nos alimenta, pois nos leva constantemente a refletir sobre nossa missão diante da formação. Esse lugar nos nutre, nos torna mais fortes, ajuda a superar os medos, energiza os desejos de mudança, empodera os sujeitos.

Eu sou Rede onde quer que eu esteja... Independentemente de qualquer coisa, eu sou Rede porque quero ser... Acho que precisamos nos enxergar como Rede independentemente de como as pessoas nos vejam... A Rede é você e você é a Rede.

Nessa mesma perspectiva, a Política Nacional de Formação traz alguns elementos que dizem respeito à estruturação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc quando destaca:

É desejável que quem tenha participado de processos formativos do MSTTR venha compor a Rede, mas o fato de ter participado não quer dizer que estão automaticamente vinculados à Rede e nem participação é requisito para tal. O pertencimento à Rede implica no envolvimento, na formação sindical, cuja prática cotidiana se dê à luz da PNF e do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS. (CONTAG, 2008, p. 39).

Essa questão a institucionaliza, mas o que nos chama a atenção é a livre organização da Rede. Em cada estado ou localidade, a Rede se constitui com suas próprias características, jeitos, formatos. A livre organização permite que as partes da Rede mantenham traços de identidade partilhados e construam, ao mesmo tempo, aqueles que são próprios aos jeitos de ser e de fazer de cada “lugar”. Assim, a Rede, mesmo sendo grande e abrangente, consegue criar e manter vínculos significativos na diversidade de realidades do MSTTR.

Ela vivencia os princípios da Educação Popular no cotidiano sindical, tais como a dialogicidade, autonomia, contextualização, acolhimento, amorosidade, boniteza, compromisso, valorização do ser humano, sua cultura e seu ambiente, permitindo que os sujeitos sintam-se pertencentes na sua integralidade. Esta vivência não se dá apenas nos processos formativos, mas nas diversas ações junto à base, e propõe novas alternativas de produção, organização e de ação política.

A Rede é um embrião que viceja na realidade atual (a ser transformada) um jeito mais humano,

solidário, sustentável, horizontal, flexível e diversificado de se viver e de se relacionar (mundo que queremos construir). A atuação em Rede significa vivenciar no PRESENTE o que pensávamos só ser possível no FUTURO. Caminhar em Rede é, portanto, descobrir que o mundo que queremos construir já é possível e já está sendo construído desde agora.

Várias são as metáforas que servem para definir a Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc. Seja Rede de pescar, de dormir, de relações, ela é Rede que envolve e pulsa um fazer de muitas mãos. Cultiva reciprocidade, complementaridade, amor, esperança, amizade e renova utopias. Acolhe os diferentes saberes, as diferentes culturas e crenças, e acredita que todos são importantes, ninguém sabe mais do que ninguém. Embala os sonhos e corações que vão construindo pertencimento, pois uma condição para estar em Rede é se permitir estar nesse espaço, dinâmico e vivo, é dar-se conta de que não sabemos tudo e de que precisamos uns dos outros.

É sair do chão sobre o qual pisamos em busca de alcançar outros, conhecer novos horizontes, semear novos campos. Atuar em Rede é permitir-se estar junto com os outros, compartilhar sonhos e desejos, e ter autonomia sobre o agir. Para isso, é necessário construir consensos mediante o diálogo e definir passos a partir do que construímos juntos.

Atuar em Rede é não se sentir só, é ser solidário, é querer construir com o outro, é cuidar, respeitar o diferente, é buscar nas experiências, no conhecimento construído e partilhado um espaço de experimentação e de militância. Não negar o conflito de ideias, quando da reflexão sobre a prática. Valorizar as pessoas que projetam e pensam um projeto de sociedade tendo como referência a

vida das pessoas, suas necessidades e sonhos. Isso é o que fortalece, anima, faz bem, dá sentido aos fazeres e possibilita partilhar com o outro vivências e projetos de vida.

Fazer parte dessa Rede exige mudança, equilíbrio, comprometimento e busca por um jeito transformador de ser e de se relacionar com o outro. Requer considerar as diferentes formas de conhecimento, habilidades, potencialidades, trajetórias, fragilidades, história e cultura daqueles com quem nos relacionamos. A capacidade de perceber a incompletude humana e buscar, nas relações entre companheiros/as, uma forma de se complementar é que torna tão prazerosa a vivência em Rede.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc se constrói a partir de um fazer coletivo. É grande, porque são grandes os projetos compartilhados no interior do MSTTR e muitas as pessoas que se comprometem com eles. Atua nas diversas atividades do MSTTR, tem um caráter transformador que alimenta o sonho de um mundo melhor e fortalece os laços dos educadores/as que fazem parte dela. Antecipa, nas vivências de cada atividade que realiza, as relações que quer ver predominando na vida social. É isso que move a gente na Rede.

A identidade desse coletivo se constrói por meio de suas práticas singulares, das vivências que elas propiciam e das identificações que acontecem entre os sujeitos que nesses espaços se encontram em relação. Tal dinâmica gera um sentimento de pertencimento a esse lugar e configuram identidades individuais e coletivas que experimentam formas diversas de interação. Quando assumimos uma identidade coletiva, passamos a atuar juntos e a ter mais condições de nos movimentarmos.

É necessário percorrer um caminho de vivências, descobertas e transformações até se reconhecer como educadora e educador popular, e sentir-se parte desse lugar de regozijo, sonhos e encantos que é a Rede. Neste caminho, existem princípios e valores que forjam a identidade de sujeitos comprometidos com as causas das minorias e com a justiça social, com outro mundo possível, com a transformação da realidade, com a valorização do conhecimento popular, do ser humano e da mãe Terra.

Esse sentimento de pertencimento promove transformações na dinâmica sindical e nas bases do Movimento, como também nas comunidades e demais espaços sociais e institucionais que a prática da Rede alcança. Poderá, portanto, nos levar a uma verdadeira revolução de ideias e posturas, perpassando inevitavelmente pela emancipação dos sujeitos e mudança de realidades.

Os ideais, utopias e interesses das pessoas que fazem parte dela, bem como as repercussões que ela desencadeia, configuram um todo complexo. A luta pela transformação da sociedade, pela emancipação e libertação dos sujeitos do campo, pelo fortalecimento dos trabalhadores/as rurais, por um campo com gente e por um desenvolvimento rural sustentável e solidário são algumas das motivações que condicionam a atuação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc.

Atuar em Rede requer um fazer solidário, uma responsabilidade coletiva. Significa não deixar que os conhecimentos construídos fiquem apenas em uma pessoa ou um grupo, mas está diretamente ligado ao processo da construção de novos conhecimentos num movimento de ensinar e aprender com o outro.

O sentimento de Rede é muito diverso, mas, de modo geral, nos sentimos Rede quando estamos envolvidos/as nos processos de multiplicação criativa, na construção das propostas formativas, quando estamos no Sindicato, nas mobilizações e em contatos diretos com as lutas por mudança social, com os temas da formação sindical.

Na Rede cabem todas as pessoas que se permitem viver e sonhar com um mundo de várias possibilidades.

O que me move é o compromisso que assumi com a formação desde o primeiro curso da escola. Quando penso em não ir, penso no compromisso, sou muito movida por isso.

O pensar e o fazer de várias mãos dá o diferencial na Rede, os tons variados, os desenhos em formatos diversos, a combinação de cores, cheiros e sabores. Ser parte da Rede é compreender que temos tempos, compassos, entendimentos diferentes, mas é isso que fortalece as convergências necessárias à construção coletiva. Este sentimento de pertencimento dialoga com a esperança, esperança que tem um rumo, ou seja, o desejo de mudança, de “ser mais”. Estes sentimentos nascem ou renascem na nossa entrada na Escola de Formação da Contag e vão ganhando corpo, se estruturando na atuação que passamos a fazer.

O sentimento de mudança interna na forma de agir, de atuar, bem como a possibilidade de continuar nesse processo de ação/reflexão/ação proporciona em cada um/a de nós a sensação e percepção de que este é um espaço de permanente aprendizado e em construção, pois já dizia Paulo Freire que somos seres inacabados e conscientes desse inacabamento (FREIRE, 1996). Dessa forma,

a nossa participação e atuação provocam várias reflexões sobre nossa militância na Rede, no MSTTR.

O que move a Rede é saber que estamos em permanente contato das mais variadas formas e que sempre é possível contar com uma mão amiga, mesmo que às vezes distante fisicamente. É saber que todos e todas estamos na mesma direção, com os mesmos objetivos de libertar e emancipar os sujeitos.

A primeira luta foi de constituir a Rede e nos reconhecer como Rede, não só na teoria, mas na prática. A Rede não é só para a formação. Ela deve ultrapassar as fronteiras da formação, pois existem muitos espaços e estes devem ser preenchidos. Cada integrante da Rede pode fortalecer estes nós em cada recanto do país. Sinto-me realmente parte da Rede, por mais longe geograficamente que eu esteja. Tenho a certeza de que muitos companheiros/as estão atuando e fazendo a diferença. Vejo-me cuidando para que de minha parte e com o meu trabalho ela se fortaleça...





Foto: Contag

O que sustenta a Rede?

Nesse fazer que envolve mentes e corações na busca de uma sociedade mais justa, a Rede se sustenta por nós, educadores e educadoras populares, pela nossa ação, pelo compromisso que fizemos com a formação, por nossa vontade, pelos sonhos que alimentamos, pelo desejo de alcançar e envolver mais pessoas. É a vontade de ver acontecer mudanças nas relações de poder, nas formas de produzir conhecimentos, ensinar e aprender, em nós mesmos, tendo as bases sindicais mais próximas e organizadas com mais consciência sobre os seus papéis na sociedade.

A Rede é pensada e assumida pedagogicamente por todos nós educadores e educadoras populares da Enfoc, em processos diversos, que impulsionam a entrega, a imersão. Não há o lugar onde se mergulha mais ou menos, o mergulho acontece de um jeito diferente e especial a cada lugar.

A valorização de todas e de cada pessoa desperta o sentimento de “sentir-se capaz”, o que re-

força ainda mais o desejo de continuar na Rede. O “sentir-se capaz”, decorrente de um processo formativo que acredita nas pessoas e na complementaridade dos conhecimentos, pressupõe “acreditar no outro”, característica que marca a Rede de Educadores e Educadoras.

Quando você vem para a escola e para a Rede, desperta em você a crença de que é capaz de fazer. Ser você mesmo e colocar o que conhece sem medo. Eu estou na Rede, porque de alguma maneira tenho algo a contribuir.

A Rede também permite apoio, conforto, confiança, respeito e segurança. Possibilidade de criar novos vínculos sociais, pois, ao mergulharmos em nossos processos e nos processos dos outros, também nos reencontramos com nós mesmos.

Sintetizando

Todas essas características e elementos permitem uma síntese sobre a identidade da Rede, fazendo, inclusive, uso de metáforas. Por vezes, falamos em rede de balançar, noutras em rede de pescar. Muitas vezes são caminhos e trilhas que levam a lugares distintos, e há também a imagem dos rios, que deságuam no mar, misturam conhecimentos, alimentam sonhos e despertam a curiosidade para querer aprender e ensinar.

A abertura e capilaridade da Rede permitem que os educadores e educadoras populares se descubram aos poucos como integrantes dela, a partir da sua participação. E então começa uma crescente troca de saberes e de experiências que permite um empoderamento e vivências nos diversos espaços de atuação. A prática “bebe” nos princípios da PNF, PPP, PADRSS (diferentes em estratégia) e, conseqüentemente, da Educação Popular. A teoria e a prática se vinculam permanentemente. As relações entre a ação, a reflexão e a ação movimentam a Rede que, por sua vez, se projeta no comprometimento e sonhos que cada educador e educadora traz para a Rede.

Na construção de uma nova sociedade, somos solos férteis para fazer brotar a transformação desejada. Somos uma constelação, porque, ao olhar uma noite estrelada, todas as estrelas estão lá, e cada estrela ocupa o seu espaço e tem o seu papel. A Rede da qual falamos é assim, cada um/a tem seu espaço, tem seu brilho próprio, e nela ninguém ofusca o brilho nem ocupa o espaço do outro.

Estar envolvido em Rede é praticar cotidianamente o exercício da solidariedade, é ter disposição para cooperar, é ser companheiro e companheira. Compreender que a Rede nasce de dentro do Movimento Sindical e para atuar em seu favor, que não teria sentido existir por si só.

O papel da Rede é contribuir no conjunto de ações formativas desenvolvidas pelo MSTTR, dialogar com as diversas políticas e ser parte integrante do processo de consolidação do PADRSS. É ser vida e dar vida para a militância, demonstrar para todos/as a imprescindibilidade de uma atuação diferenciada, que torne a prática sindical e seus resultados mais próximos dos desejos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. A Rede é o lugar onde a gente balança nossos sonhos e utopias e pesca transformações.

Num mundo globalizado, onde o consumismo ganha cada vez mais força e as pessoas são tratadas como objetos, quando é mais importante o ter do que o ser, o que se propõe é inverter esses valores, compor um papel estratégico e fundamental de valorizar a essência das pessoas, sua identidade, seus sonhos e sua história, ser um espaço de construção da consciência crítica social e sindical.

A Rede sou eu, é você, somos nós. Ela nasce de dentro do Movimento e para atender suas necessidades; configura-se num espaço de socialização de experiências, de reflexão sobre a prática e de construção coletiva, proporcionando maior qualidade aos processos formativos.



4. QUE REPERCUSSÕES A REDE PROVOCA?

Repercussões na própria Rede

Repercussões no MSTTR

Repercussões fora do MSTTR

4 QUE REPERCUSSÕES A REDE PROVOCA?

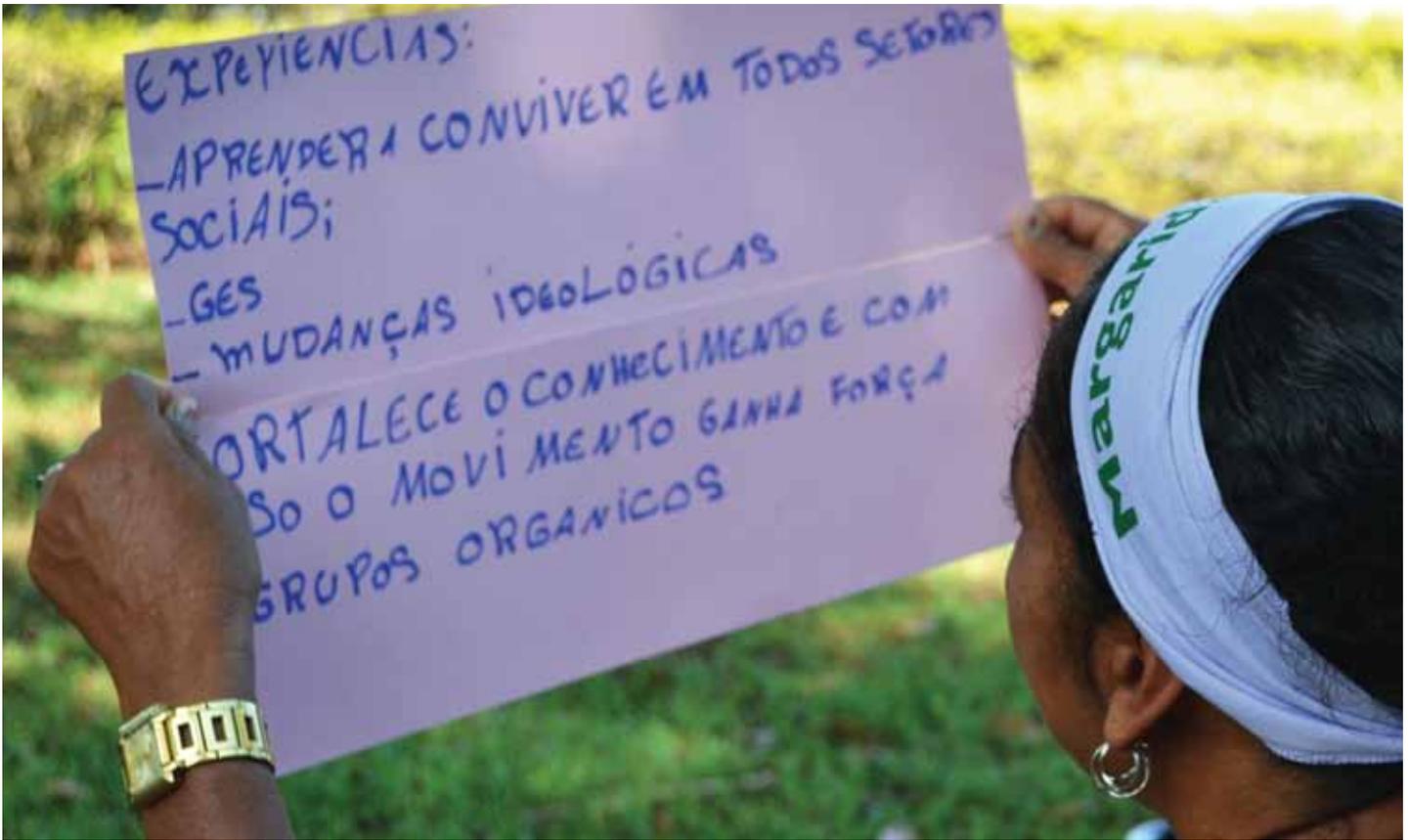


Foto: Contag

Ecoar, refletir, ressoar, retumbar, reverberar são esses os vários significados da palavra “repercussão”, e serão estes sentidos que as próximas linhas aqui escritas trarão sobre as pessoas, a sociedade e sobre o MSTTR.

Quando um rio corre, modifica seu caminho. O caminho do rio é o seu leito, é o terreno no entorno, e é também o traçado pelas águas emersas, subterrâneas e evaporadas que enveredam pelo solo, pelas seivas das plantas, pelos ares, pelos animais e estendem-se para muito além do rio, numa teia complexa. O passar de um rio repercute para dentro e para fora dele. Tal e qual nossa Rede.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc tem repercussões complexas: sobre a própria Rede, sobre as pessoas, sobre o MSTTR,

sobre as comunidades, sobre a sociedade, sobre os parceiros, sobre o país, sobre o mundo, sobre o Planeta. Não, não é exagero. É visão sistêmica. Muda pessoas e pessoas contribuem para mudar o mundo.

Um fazer de formiguinha, com grandes e complexas repercussões. Tudo o que registrarmos aqui como Repercussões da Rede de Educadores/as da Enfoc será pouco e não refletirá a teia de relações que estão sendo modificadas pela atuação em Rede. Mas pensando a Rede como um rio, seremos capazes de vislumbrar as articulações complexas que se desencadeiam a partir do nosso fazer.

Repercussões para a própria Rede

Ei! É a Rede que embala a criança ou a criança que embala a Rede?

Difícil de responder se tiver que escolher uma alternativa ou outra. Fácil, se puder escolher uma e outra. A Rede aconchega, ampara e sustenta. O sonho fica leve, fluido, ventilado. A criança dá impulso, coloca a Rede a balançar. O ritmo surge da Rede e da criança. Quem embala quem?

As trocas de saberes, de sabores, de vivências e as relações horizontais nas quais os sujeitos são valorizados provocam mudanças nas pessoas. Aumenta a autoestima, o acreditar em si mesmo e o sentimento de pertencimento. Muda a consciência crítica individual. As pessoas crescem, aprendem e ensinam.

Abrem-se para a mudança, percebem-se como sujeitos construtores de si mesmo e da his-

tória. Estabelecem relações mais solidárias com as pessoas e com as comunidades a partir do que vivenciam na prática em Rede. Mudam a própria vida. Portanto, a Rede provoca mudanças pessoais, subjetivas e diferentes de pessoa para pessoa.

Mudanças pessoais e também na prática pedagógica que inspiram outras e aumentam a consciência crítica e o autoconhecimento das pessoas, da própria Rede e tornam agradáveis os processos educativos.

A ação da Rede proporciona maior valorização dos sujeitos que, na vivência do tecer a Rede, utilizam metodologias participativas, produzem conhecimento coletivamente, materiais didáticos e sistematizam suas aprendizagens. Todo este movimento irradia e se multiplica de forma a fortalecer e consolidar o “jeito Rede” de fazer a militância.

Todo esse movimento torna a Rede VIVA. Em processo constante de mudança que se transforma no fazer.

Repercussões no MSTTR

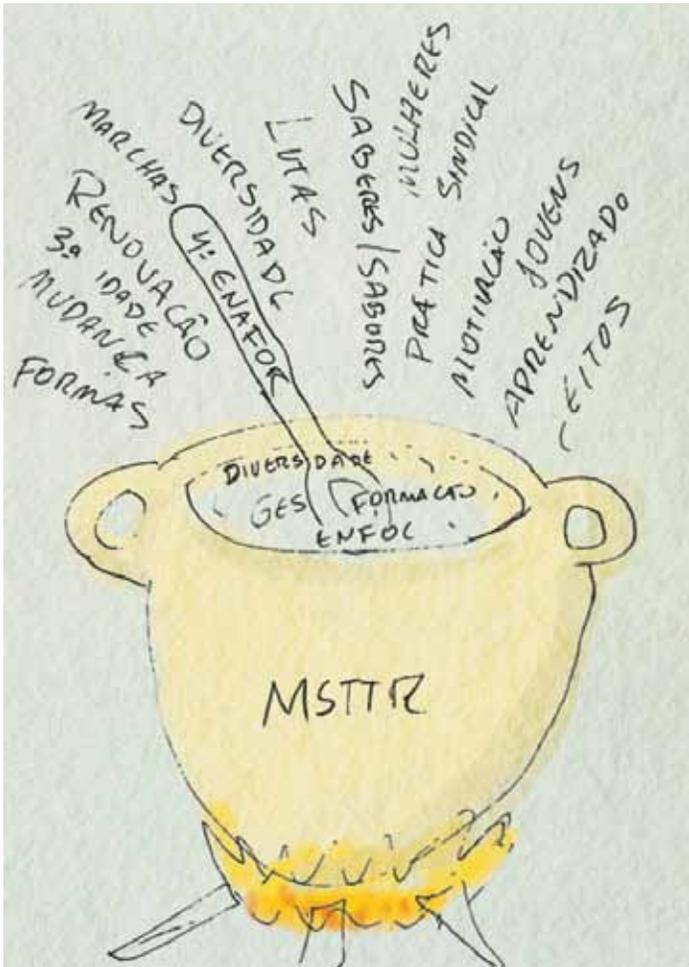


Ilustração: Contag

Já é possível perceber como a ação em Rede ecoa nas práticas de todo o Movimento Sindical. Em várias ações importantes, mostra o acertar da pisada, da atuação em Rede, que refletem na vida do Movimento. Atuação orgânica, prática sindical VIVA.

A prática da Rede vem provocando mudanças na concepção e na prática sindical, com atuação mais coletiva e mais colegiada (horizontal), valorizando a formação e construindo novas relações democráticas de poder. Vejamos alguns depoimentos:

Um maior reconhecimento da representatividade, uma mudança no jeito de fazer com reflexão, a mística é um jeito diferente

de falar com maior criatividade, e nesses momentos é visto o protagonismo dos sujeitos, a utilização de símbolos da realidade rural (sementes/instrumentos).

Não vou dizer que somos tudo que queremos, mas, com a formação, que tivemos na Rede da Enfoc a gente mudou a prática, nosso jeito de ser. Passamos a ouvir o outro, entender o jeito que ele é. Ele entende do jeito dele, e eu, ainda que entenda diferente, preciso primeiro ouvir, entender a sua realidade.

Sou capaz de falar da Enfoc sem precisar de nenhum papel. Capaz de fazer formação em qualquer lugar e a toda hora. A gente nem pensa, já sai com o jeito da formação da Enfoc.

A Rede da Enfoc consolida no MSTTR os princípios da Educação Popular, que é libertadora por definição, possibilitando a autonomia dos sujeitos, gerando reciprocidade e confiança, solidariedade e compromisso com o projeto de transformação.

É fácil perceber quando um/a educador/a da Rede está organizando alguma atividade do MSTTR, pois existe uma imagem própria, identificada no jeito de fazer a formação da Enfoc. O ambiente em círculo, valorização de elementos da cultura local e popular, das bandeiras de luta, dos cantos, versos e poemas.

Outro ressoar evidente da ação da Rede é a maior participação de jovens e mulheres na vida sindical. As mulheres e a juventude engajaram-se nas ações de formação da Rede. Foi um fortalecimento mútuo, que ampliou, qualificou e deu destaque às questões de gênero e geração, tão importantes para a militância política. Como consequência,

temos hoje mais jovens e mulheres assumindo espaços políticos dentro e fora do Movimento. As bandeiras de luta destes dois segmentos ganharam mais ressonância e a ação ficou mais qualificada. O MSTTR percebe o diferencial político trazido pela Rede.

Um outro eco que sentimos a partir da ação em Rede é a importância que pessoas idosas têm nos processos de formação, pois a valorização da história e da memória torna esse sujeito protagonista da produção de conhecimento, vivenciado nos momentos de troca de experiência, no ouvir as histórias e as lições trazidas nos anos de luta.

A Rede não atua somente dentro de quatro paredes do Curso Estadual. Uma Rede pode ser você, dentro da sua secretaria, nas ações e atividades que você está coordenando, assessorando, e utilizar a metodologia da ESCOLA. É você ir pra um debate e usar aquela metodologia. Você ser e se ver enquanto Rede.

A atuação em Rede possibilita estar em muitos lugares, fazer várias coisas. O exemplo disso é a visível contribuição que os/as integrantes da Rede têm dado aos coletivos de mulheres, de juventude, terceira idade, aos debates sobre políticas públicas (educação, saúde, reforma agrária), às assembleias, aos processos eleitorais dos sindicatos, assim como ao debate sobre sustentabilidade política e financeira e desdobramentos desta ação nas Regionais/Polos Sindicais.

A Rede tem dado sentido à luta, porque a nossa atuação em Rede reafirma as lutas do MSTTR, quando a gente percebe que a formação tem transformado os sujeitos, e a formação tem acontecido porque existe a Rede, porque a Rede está balançando, e, a partir da

atuação da Rede e dessa transformação dos sujeitos, as pessoas têm feito um sindicalismo mais autêntico, têm se preocupado mais com sua prática, então a gente tem mudado o jeito de fazer sindicalismo a partir da formação.

A atuação da Rede está sujeita a conflitos, devido ao seu jeito horizontal de atuar. Não é fácil para o Movimento Sindical compreender que a diversidade, se tratada de forma dialógica, pode romper amarras e gerar um movimento criativo que engrandece as pessoas e as instituições.

Então, esses conflitos que resultam da atuação em Rede não são ruins. Ao contrário, eles permitem a reflexão crítica que repercute para dentro da Rede e para o interior do MSTTR, pois integrantes da Rede fazem parte do Movimento. Esses conflitos provocam diálogos e interações com mais liberdade e sem medo e, com isso, são portadores de mudanças.

No entanto, as inquietações, angústias, conflitos, os problemas e as dificuldades devem ser elementos de constantes debates e diálogos no âmbito da Rede, de forma livre, pois ela apoia e ampara. Dessa forma, a Rede é um espaço de diálogo. Espaço este necessário para as reflexões que geram mudanças na prática (práxis), inclusive demandando do MSTTR uma abertura e uma aposta que possibilite a atuação horizontal (em Rede), o que deverá repercutir no seu fortalecimento.

Quero que a Rede seja um espaço que interliga, não importa se é de direção, do Sindicato ou Federação, para que essa Rede faça a diferença e uma grande movimentação”.

Um dos caminhos para aos poucos modificar a rigidez das estruturas historicamente criadas pelo MSTTR é uma maior aproximação com as ba-

ses. O Movimento Sindical nasceu do trabalho de base, da necessidade de organizar um segmento trabalhador em busca de direitos, como um Movimento que se construiu com os pés no chão do campo, com as mãos empunhando a enxada, abrigado nas sombras das árvores e alimentado com frutos da terra.

Nos processos de formação, os educadores/as populares da Enfoc são provocados a construir grupos de estudos sindicais (GES) no seu local de atuação comunitária. Assim a Rede vem conseguindo pisar no chão do campo que o Movimento havia deixado de tocar.

Ela chegou às bases novamente, reaproximando o Sindicato das Comunidades Rurais, que sempre foi o sentido da ação sindical do MSTTR. A prática sindical a partir da Rede é mais viva, orgânica e humana.

Depois das reuniões, as pessoas têm participado mais e estão indo ao Sindicato buscando informações e mais participação dos jovens e mulheres. As nossas bases estão mais preparadas. Conscientes de nosso papel e representação, lutam com mais propriedade pelos nossos direitos e estão mais organizados nas comunidades e Sindicatos.

A multiplicação dos GES e outras experiências de organização nas bases, como grupo de jovens, mulheres, delegacias sindicais, são estimulados a partir do fazer da Rede, é o novo pisar da militância no chão do campo, onde a vida rural acontece, onde de fato deve germinar a militância, para cumprir seu papel transformador na sociedade. Nesse sentido, a disseminação dos GES contribui para manter o campo vivo, uma vez que alimenta a germinação de experiências tanto formativas quanto produtivas e organizativas.

A REPERCUSSÃO da atuação em Rede tem promovido a valorização das pessoas e do Movimento, tem criado uma identidade própria nos/as educadores/as populares que se constituem nos processos formativos da Enfoc. Centrado no espírito militante, exerce um sentimento de compromisso forte com a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e com o MSTTR. Ele se dá a partir da multiplicação criativa com propostas emancipatórias.

Faz a gente querer estar no Movimento, faz a gente se sentir Movimento, porque existe um refluxo da militância de desvalorização, às vezes de fragilidade, principalmente na atuação dos diretores do MSTTR; e a atuação da Rede tem caminhado no sentido oposto desse refluxo, tem fortalecido a motivação e a construção da militância.

Essa entrega, essa vontade de fazer mudança, de defender um projeto de sociedade alternativa ao capitalismo, aparece como ideia-força entre os educadores/as; aparece na prática sindical, na vontade de fazer mobilização e de animar os grupos de estudos. A mudança da sociedade aparece lado a lado, da mudança que se quer ver no Movimento Sindical, do desejo de ver um movimento mais atuante, com trabalho de base, mais reivindicativo, mais propositivo e mais crítico em relação à sua prática e em relação a esta sociedade.

Os sentimentos, as atitudes e os princípios cultivados na ação da Rede despertam e oxigenam a militância. A alegria, o sentimento de amizade e de pertencimento possibilitam o sentir-se responsável pelo outro e a busca pelo conhecimento. A ação da Rede também tem contribuído para aumentar a criatividade e a inovação na militância.

Repercussões fora do MSTTR

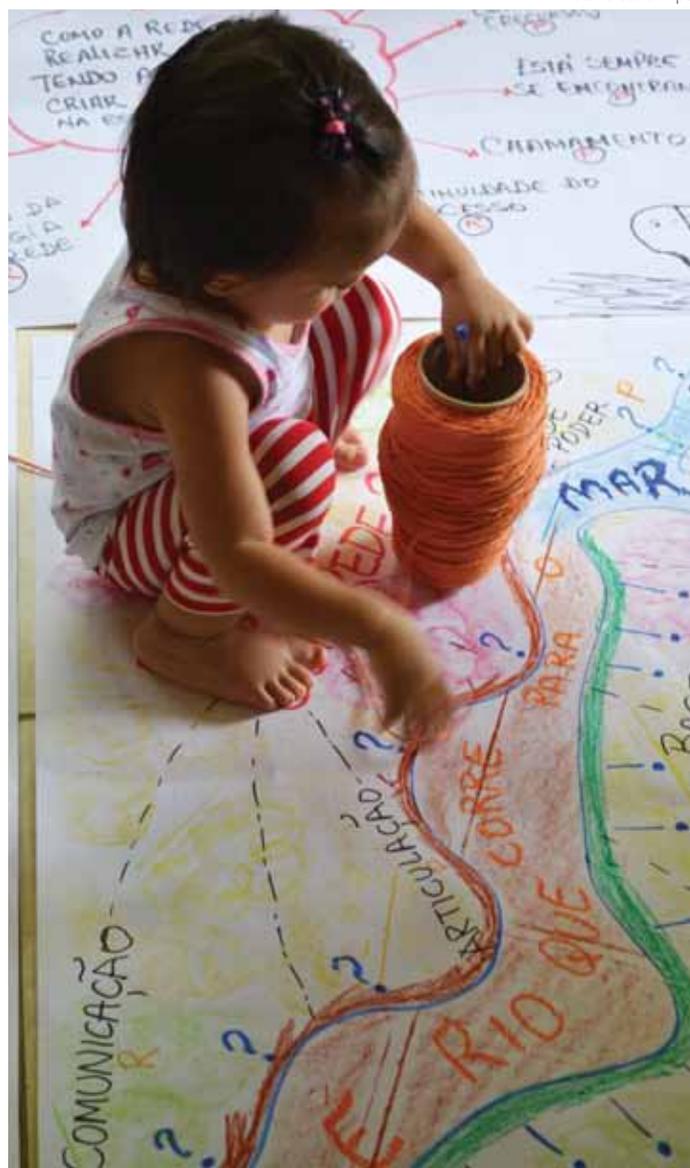
Como um rio que deságua no mar, a REDE de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc lança seu jeito de ser e fazer para fora do MSTTR, quando convida para colaborar instituições e espaços formativos, como as Universidades, os Centros de Educação Popular as Escolas de Formação e também com entidades internacionais de articulação de experiências em Educação Popular, como o Conselho de Educação Popular da América Latina – CEAAL) e outras organizações sociais.

Esse conjunto de instituições identificam a Enfoc e a sua atuação em Rede como um espaço fecundo da prática da Educação Popular. O atuar em Rede oportuniza, também, enganchar-se a outras Redes e assim, com um balançar constante, os/as educadores/as populares da Enfoc também embalam e se embalam em outras Redes, como o Fórum de Educação Popular (FREPOP), a Rede de Economia Solidária e a Rede de Agroecologia, Rede de Educação Cidadã, entre outras.

O processo de sistematização é também um fruto do lançar das águas da Rede, pois hoje a Enfoc é filiada ao CEAAL, com o qual se permite uma maior integração com os movimentos que atuam na área da Educação Popular na América Latina. Esta troca de experiência fez a Enfoc e a sua Rede ser vista como um espaço de novos aprendizados, e principalmente uma inovação no jeito de se viver a Educação Popular nas comunidades rurais do Brasil.

Ei, é a Rede que embala a criança ou a criança que embala a Rede? Uma embala a outra. E quer saber? O mais importante é que a Rede continua balançando em cada canto desse país, e que essa história está apenas começando... Nela caibo eu, cabe você, cabe a menina, o menino, a garotada, o senhor, a senhora... Cada um e cada uma.

Foto: Cleto Campos







Fotos/fotomontagem: Cleto Campos

CONCLUSÕES: O QUE
NOS DESAFIA E PARA
ONDE QUEREMOS IR?

CONCLUSÕES: O QUE NOS DESAFIA E PARA ONDE QUEREMOS IR?



Foto: Contag

A Rede de Educadoras e Educadores Populares da Enfoc tem desencadeado processos formativos por todo o Brasil, e vem alimentando a militância com a “mística da mudança” e a prática da “transformação social”. A boniteza da atuação em Rede vem impregnando a forma de organização do Movimento Sindical de tal modo que não podemos retroceder, é preciso mais, é necessário avançar mais, não temos dúvidas de que estamos trilhando o caminho certo, na direção da emancipação dos povos trabalhadores que, gradativamente, vai acontecendo.

Mas esse caminho não é linear. Assim como a história do MSTTR, a Rede, em seu caminhar, para se fazer Rede, tem que driblar as dificuldades, os empecilhos. Os desafios não são poucos, esses vão desde a vasta dimensão territorial do país para acompanhar processos até a falta de autonomia financeira para garantir recursos e gerir espaços de animação da Rede.

Um dos desafios para a consolidação da Rede é a necessidade de um chão político consolidado.

Em outras palavras, é preciso que todo o MSTTR assuma a formação a partir dos princípios da PNF como prioridade e compreenda a Rede como parte fundamental para a renovação da militância e da retomada da formação de base. Porém, para que isso ocorra, é necessário que os princípios da PNF sejam ainda mais trabalhados no âmbito dos que lideram o Movimento Sindical. Na verdade, o desafio tem mão dupla: se por um lado é fundamental que a formação seja prioridade, ela só será se continuarmos firmemente trabalhando os princípios que orientam a atuação da Rede. Assim, podemos dizer que a Rede propicia as condições para que a Enfoc seja, cada vez mais, orgânica em relação ao MSTTR.

A Educação ou Formação que queremos não é qualquer educação. É Educação libertadora. É Educação Popular. A Rede do jeito que queremos e acreditamos não é qualquer Rede. É a Rede da forma que desenhamos aqui neste livro. É Rede livre, flexível, criativa, capilarizada no chão do campo, com um projeto alternativo de sociedade a construir. É uma Rede popular, complexa e profun-

da. Com o jeito da Educação Popular, que busca a emancipação dos sujeitos, quer ensinar e aprender; construir soluções de forma participativa.

Para que esses “jeitos” sejam priorizados, é necessário que seus princípios se consolidem no Movimento Sindical. É preciso que mais gente se junte à Rede para fazer o que estamos fazendo e dar suporte aos Educadores e às Educadoras Populares da Rede: oferecer suporte financeiro para que as ações de formação se multipliquem; dar condições para a participação em processos sistemáticos de Educação Continuada e de grupos de aprendizagens; criar Itinerários Formativos diversos para que toda a base do MSTTR tenha condições de participar; construir coletivamente materiais pedagógicos e didáticos com a “nossa cara”; sistematizar as experiências, aprendizagens e impactos que tem gerado.

Manter a Rede motivada e animada é outro desafio, e isto vem acontecendo em diversos espaços, no Movimento. São muitos os espaços que têm tornado visível o potencial e as repercussões que a atuação em Rede tem gerado Brasil afora. A Rede tem crescido e a tendência é de manter esse crescimento na medida em que os Itinerários Formativos e sua Multiplicação Criativa forem acontecendo. A Rede está se esparramando, corporificando-se nos Sindicatos e nas comunidades. Assim, ao mesmo tempo que a animação de uma Rede com ampla dimensão se torna um desafio, abre espaços para novas perspectivas.

Quando falamos em perspectivas, constatamos que a Rede já chegou à base por meio do Itinerário Formativo da Enfoc, animando mulheres e homens trabalhadores do campo a ultrapassarem os limites da formação das lideranças. Contudo se faz necessário que a Enfoc crie estratégias de fazer chegar aos espaços institucionais permanentes

de aprendizagens, sobretudo às escolas da rede pública, no campo, os princípios e metodologias desenvolvidas pela nossa Rede. É preciso incluir também, neste processo, os/as professores/as, diretores/as e coordenadores/as que atuam nas escolas públicas, especialmente nas escolas rurais. Se queremos outra sociedade, precisamos fazer chegar o “nosso jeito de ser e atuar” aos espaços para além do Movimento, e com isso consolidar o projeto político do MSTTR, que tem uma proposta para Educação no e do Campo. Esta é uma forma de atuar sobre as relações de poder vigentes.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc continuará sua jornada enfrentando todos os desafios que surgirem em sua caminhada, acreditando que é possível sonhar com um outro mundo possível, e que essa mudança pode começar nos espaços sindicais, com direções mais atuantes, defendendo os trabalhadores/as e construindo práticas sociais que caminhem para uma nova sociabilidade.

Garantir legitimidade às ações da Rede em todas as instâncias do MSTTR é um dos grandes desafios que temos como organização, pois parte do MSTTR valoriza a formação apenas através do discurso, mas, na prática, esse reconhecimento não acontece, e isto ocorre ainda com mais força em relação à Rede. A hierarquia existente no Movimento contrapõe nossa prática horizontal, e em alguns lugares não abrem espaços.

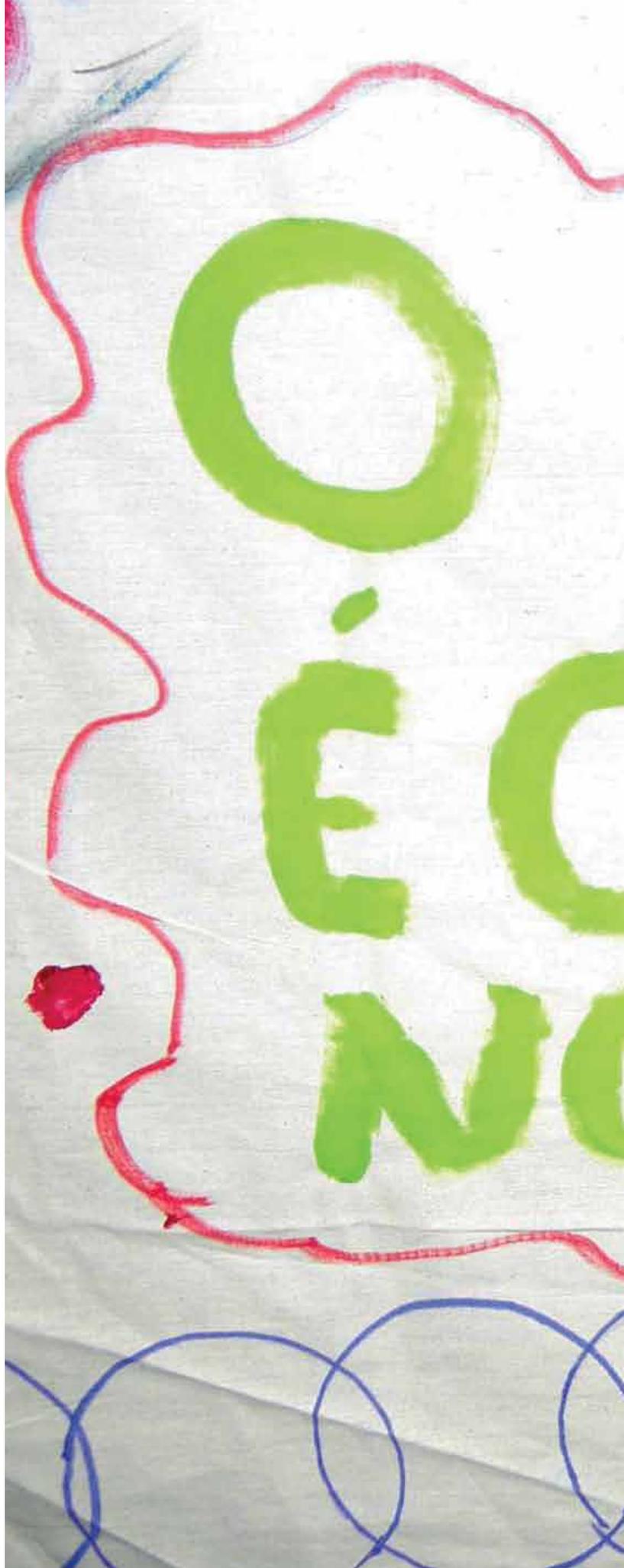
Há ainda o desafio da comunicação e articulação entre os membros da Rede. Muitas vezes atuamos como Rede quando estamos em espaços comuns, especialmente nos de formação, porém, quando voltamos às nossas muitas atividades e rotinas diárias, deixamos um pouco de lado essa articulação e comunicação. Poderíamos trocar mais conhecimentos, experiências, materiais e outras

tantas produções que dariam maior dinamismo à Rede, especialmente neste momento em que estamos incorporando o uso de tecnologias que diminuem as distâncias físicas em nossas vidas e atuação. Não será difícil para os Sindicatos disponibilizarem instrumentos tecnológicos para suas bases e a Rede se comunicarem.

Quanto às potencialidades, identificamos, com esta sistematização, o fato de que o MSTTR acredita e valoriza a formação. Muitas vezes temos de nos desconstruir como Rede, para ver e ouvir, construir novos olhares, cores, sabores e saberes. Como a base quer formação e aceita essa formação, esses desafios são superados parcialmente, pois entendemos que a formação é e deve ser a consciência crítica do MSTTR. A busca imediata de resultados na formação, esperada por muitos, é também um desafio que a Rede enfrenta.

Outra potencialidade são as transformações percebidas nos sujeitos e nos espaços onde a Rede atua. Há uma forma “muito própria” de fazer formação e de valorizar as pessoas envolvidas. Esta combina a militância, a “garra”, o compromisso com que a Rede atua, aliados à ternura, ao amor, ao companheirismo, ao bem-querer que permitem com que as pessoas sintam-se acolhidas e se vejam como parte de algo maior do que sua individualidade. Pode ser associado à boniteza – uma estética de existência que reúne acolhimento e provocação – e que dá grande importância à liberdade, o que é fundamental para a emancipação.

Essas potencialidades transformam-se em perspectivas positivas, contribuem para que a formação chegue com mais força à base, permitindo as mudanças vislumbradas.



AMOR
DO QUE
OS MOVE

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Amarildo; WATANABE, Célia; FALKEMBACH, Célia; SILVA, Raimunda de Oliveira (Orgs.). *ENFOC: repercussões de um jeito de ser escola*. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, 2010. 166 p. (Experiências Enfoc; 1).

CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. Samba de lado. In: _____. *Afrociberdelia*. Rio de Janeiro, Estúdio nas Nuvens, 1996. São Paulo, Estúdio Mosh, 1996. 1 CD. Faixa 7.

CONTAG. *Multiplicação criativa, um entrelaçar de práticas e saberes*. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag/Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag – Enfoc, 2012. 303 p. (Série Experiências Enfoc; 3).

_____/Secretaria de Organização e Formação Sindical. *PNF – Política Nacional de Formação*. Brasília: Contag, 2008.

Escola Nacional da Formação Político Sindical da Contag-ENFOC. *Almanaque Enfoc, um fazer de muitas mãos*. Organizadores: Alexandre Ribeiro Botelho Merrem, Célia Hissae Watanabe, Raimunda de Oliveira Silva. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, 2011. 72 p. (Experiências Enfoc; 2).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SOUTO, Juraci; LINS, Iara; FALKEMBACH, Elza (Orgs.). *4º Enafor – Um conto que encanta*. Brasília: Ed. Escola Nacional de Formação da Contag, 2015. 122 p. (Série Organização e Prática Sindical).

_____; SILVA, Raimunda de Oliveira (Orgs.). *Orçamento Participativo, Semana Sindical, Jornada Pedagógica: Práticas de um Sindicalismo de Base*. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura / Escola Nacional de Formação Político-Sindical, 2013. 158 p. (Série Organização e Prática Sindical).

